



centro de  
dramaturgia  
contemporânea

TÍTULO

# O Construtor

AUTOR

Jaime Rocha

ANO

1998

2015 Coimbra

OS TEXTOS DISPONIBILIZADOS PELO CENTRO DE DRAMATURGIA CONTEMPORÂNEA NÃO TÊM FINS COMERCIAIS. QUALQUER UTILIZAÇÃO PARCIAL OU TOTAL DO TEXTO, COM VISTA A UMA APRESENTAÇÃO PÚBLICA, COMERCIAL OU NÃO, DEVE OBRIGATORIAMENTE SER COMUNICADA AO AUTOR OU AO SEU REPRESENTANTE LEGAL. PARA ESTE EFEITO CONTACTE POR FAVOR O CENTRO DE DRAMATURGIA CONTEMPORÂNEA.

EDIÇÃO

**Centro de Dramaturgia Contemporânea**

[www.uc.pt/org/centrodramaturgia](http://www.uc.pt/org/centrodramaturgia)

AUTOR

**Jaime Rocha**

IDENTIDADE VISUAL / CONCEPÇÃO GRÁFICA

**António Barros**

**Pedro Góis**

© Julho 2015  
Centro de Dramaturgia Contemporânea



centro de  
dramaturgia  
contemporânea

TÍTULO

# O Construtor

AUTOR

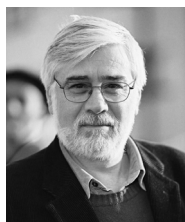
Jaime Rocha

ANO

1998

Este texto foi selecionado para a final do European Drama Award 94 (Prémio Europeu de Teatro), organizado pelo Teatro Estadual de Kassel e pela editora Bernd Bauer Verlag, de Berlim. Encontra-se traduzida em alemão por Karin von Schweder-Schreiner..

2015 Coimbra



## Jaime Rocha

1949. Frequentou a Faculdade de Letras de Lisboa. Viveu em França nos últimos anos da ditadura. Publicou o seu primeiro livro, *Melânquico* (poesia) em 1970. Tem editadas várias obras de poesia, icção e teatro. Os seus livros de poesia, *Os Que Vão Morrer*, 2000, *Zona de Caça*, 2002, *Do Extermínio*, 2003, *Lacrimatória*, 2005 e *Necrophilia*, 2010 estão publicados na editora Relógio D'Água. Em 2013 publicou *Mulher Inclinação Com Cântaro* (Volta D'Mar) e O *Vulcão*, *O Dorso Branco* (Averno). Em 2014, editou *Lâmina* (Língua Morta). Na prosa, destacam-se *A Loucura Branca*, 1990 (reeditado na Relógio D'Água em 2014), *Os Dias de Um Excursionista*, 1996, *Anotação do Mal*, 2007 e *A Rapariga Sem Carne*, 2012. No teatro publicou mais de duas dezenas de peças. As mais recentes foram *Azedinne* e *O Regresso de Ortov* (2013). A sua primeira peça representada intitula-se *A Repartição* e foi levada à cena, na Comuna, pelo Grupo de Teatro da Faculdade de Ciências de Lisboa, em 1989. O Teatro de Camide encenou, em 1998, a peça *Depois da Noite o Quê?*, uma réplica à obra de José Saramago, *A Noite* (Texto publicado no site da Casa dos Bicos-Fundação Saramago). Em 2001 foram levadas à cena as peças *Casa de Pássaros*, pelo Teatro Experimental de Cascais, *Transviriato*, pelo Trigo Limpo Teatro Acert, de Tondela, e *O Jogo da Salamandra*, co-produção do Teatro Público e da Comuna Teatro de Pesquisa, de Lisboa. Em 2003, estrearam-se *Seis Mulheres Sob Escuta*, no Teatro da Trindade, em Lisboa, (Reposta em 2008 pelo Máscara Solta, da Faculdade de Letras do Porto) e *Quinze Minutos de Glória* pelo GRETUA, Grupo Experimental de Teatro da Universidade de Aveiro. Em 2004 foi levada à cena, em Lisboa, *Homens Como Tu*, pelo grupo de teatro Útero e a peça *O Terceiro Andar* pelo Grupo de Teatro Universitário da Universidade de Manchester. Em 2005 foi representada a peça *Homem Branco*, *Homem Negro* pelo Schauspiel Essen, no Festival de Teatro de Mulheim e em Lisboa pelo Teatro Aberto. Em 2006, estreiam-se *Morcegos* pelo Teatro O Bando (peça traduzida e representada em 2007, em Londres, Amsterdão e Lille) e *O Mal de Ortov* pelo Teatro Acert de Tondela. Recebeu, no ano de 1999, o Prémio Eixo Atlântico de Textos Dramáticos com *eis Mulheres Sob Escuta* (publicada na Relógio D'Água, em 2000, no *O Jogo da Salamandra* e *Outras Peças* e representada no Teatro da Trindade em 2003) e o Grande Prémio APE de Teatro 1998, com a peça *O Terceiro Andar*, texto incluído no *O Construtor*, seleccionada, em 1994, para o Prémio Europeu de Teatro, em Berlim. Em 2004 recebeu o Grande Prémio de Teatro Português SPA/Novo Grupo com a peça inédita *Homem Branco Homem Negro*. Em 2008 é galardoado com o Prémio de Ficção do Pen Clube, com o livro *Anotação do Male* Prémio de Poesia do Pen Clube, em 2011, com o livro *Necrophilia*

—

**PEÇA EM 11 QUADROS**

**PERSONAGENS:**

**ALEX**

**JUDITE**

**BARÃO**

**CRIADA**

**LILI**

**TONI**

**ENFERMEIRO**

**HOMEM DE ESCURO**

**MÉDICO**

**OUTROS**

## QUADRO I

*(Um espaço amplo onde estão desenhados edifícios, o mapa da Europa, os Pireneus, emissores de televisão, o mar e aeroportos. Vê-se fruta pelo chão e restos de automóveis. Em cena estão JUDITE e ALEX e um homem com um fato escuro que espreita e se esconde durante toda a peça.)*

**ALEX** — Onde está o meu boné?

**JUDITE** — Aí, é onde estava o meu saco.

**ALEX** — Não pode ser, eu vi-o aqui há pouco. Pelo menos foi aqui que o deixei, pendurado neste prego. Lembro-me bem, estava a ouvir rádio e tirei-o da cabeça quando soube que o deputado morreu. Ainda não estou doido, que eu saiba. Senão já me teriam enviado o subsídio.

**JUDITE** — Já te disse que aí, precisamente, no lugar onde agora existe um prego, estava o saco dos meus remédios, é só isso que eu quero dizer.

**ALEX** *(mexe num cesto de fruta)*

— Então e esta laranja também aqui estava no lugar onde dizes que tinhas os remédios?

**JUDITE** — Não confundas as coisas. Essa laranja comprei-a hoje no minimercado, veio de Espanha, ninguém a pôs aí por acaso, mas isso não tem nada a ver com o meu saco.

**ALEX** *(ouve rádio)*

— Lá está, mais um passo nas negociações. Eu bem dizia que sem diálogo não há guerra. Mas onde está o meu boné? Sabes bem que eu não saio nunca sem boné.

**JUDITE** — Não sei para que te serve o boné, no fim de contas não podes andar com a perna nesse estado.

**ALEX** — Não posso porque ainda não recebi o subsídio, mas assim que ele chegar, vais ver. Aliás, já marquei uma nova operação ao joelho. E não quero outro médico, a não ser o da firma. Nestes casos mandam vir um especialista da Alemanha. Só eles é que podem mexer nos ferros. Eu explico-te...

**JUDITE** *(liga o televisor)*

— As tuas histórias de joelhos comovem-me, de facto. Mas preferia falar antes da fruta.

**ALEX** — O que tem a fruta?

**JUDITE** — Não sei se sabes que andam aí uns homens a atirá-la para a rua. Claro que não sabes, não vês televisão. Desde que te aconteceu isso no joelho nunca mais viste televisão.  
*(Ouvem-se os lobos nas montanhas.)*

**JUDITE** — Lá estão eles outra vez, os malditos!

**ALEX** — Quem?

**JUDITE** — Os lobos, do outro lado da montanha. E estão a vir para cá!

**ALEX** — Mas quais lobos? Não ouço nada. Deve ser na televisão.

**JUDITE** *(atira panos e papéis para o sítio de onde vêm os uivos)*

— É do lado de lá da fronteira, digo-te que são os lobos. Tu não queres saber de nada.

**ALEX** — Enquanto o subsídio não chegar, não mexo uma palha. Eles prometeram-me, ou pensavas que eu me vinha embora assim sem nada? Foi logo a seguir ao acidente, ainda ia na ambulância e diz-me o enfermeiro: «Você está lixado, acabou-se a boa vida». Mas qual boa vida, disse-lhe eu. E ele a insistir, «está tramado, ninguém consegue trabalhar na Alemanha depois de partir uma perna, já não é o primeiro que eu levo para o hospital e só sai de lá com um papel assinado para regressar a casa, ou então cortam-lhe a perna». E eu, e bem que me doía o raio do joelho, respondi-lhe na mesma moeda: Se fosse gozar com o seu avô! O que vale é que ele não percebia o que eu dizia, eu percebia tudo e ele não entendia nada.

*(Ouve o rádio.)*

Ora assim é que é, mais 17 mortos e 32 feridos.

*(Escreve numa folha.)*

Ora, mais 17 faz 443 mortos. E mais 32 soma 5709 feridos. Eu sempre disse que sem diálogo não há guerra, mas não me levam a sério.

**JUDITE** *(mexe no aparelho)*

— Sabes quando começa o outro canal? Ah, para quê perguntar, tu nunca vês televisão!

**ALEX** — O subsídio deve chegar hoje, pela minhas contas. Não faz hoje anos que morreu o nosso filho?

*(Um fax começa a trabalhar, chega uma mensagem. Alex puxa-o com um cordel, sem sair do sítio onde está. Alguém atira um embrulho pelo ar.)*

**ALEX** — Eu não te disse que o subsídio chegava hoje!

**JUDITE** *(agarra o embrulho)*

— Devem ser os meus remédios, pelo carimbo são mesmo. Em que dia estamos?

**ALEX** *(satisfeito)*

— Agora é que vão ver quem eu sou. Este dinheiro em escudos é uma fortuna. Foi para isso que eu trabalhei, ou não foi, diz lá, não foi?

**JUDITE** — Ai, meu Deus, os meus remédios!

**ALEX** — Não faz hoje anos que morreu o nosso filho?

*(Começa a ler o fax.)*

Não pode ser, eu conheço este nome. Não pode ser, não pode ser. Um fax da Alemanha não pode estar errado. Eu sei o que é a Alemanha. Eu vivi na Alemanha, eu trabalhei na Alemanha, sei o que aquilo é. Não é possível haver um erro destes. Eu conheço este nome, este nome, sim, o que vem aqui a assinar este fax. Judite, lê-me aqui este papel, que eu não acredito que seja assinado por quem é, não pode ser.

**JUDITE** *(assustada, abre devagar o embrulho)*

— Mas isto não são os meus remédios. Nunca recebi nada com este cheiro e no entanto os selos são da Holanda.

**ALEX** — Não seria melhor leres primeiro o fax?

**JUDITE** — Ter-se-ão os frascos partido? Não é costume, na Holanda fazem sempre bem os embrulhos. Lembras-te da minha coleção de moinhos de madeira? Vieram todos pelo correio, sem uma única moça.

*(Salta de cadeira.)*

Oh, o que é isto, Alex, não acredito... uma perna!

**ALEX** — Uma perna?

**JUDITE** — Sim, uma perna humana.

**ALEX** *(coxeia)*

— Olha, lê lá o endereço. Deixa ver, tens razão, vem da Holanda e diz Judite Martim. Quem mais, além da farmácia de Amesterdão, sabia que te chamavas Judite Martim?

**JUDITE** — E o fax, o que diz o fax, por que não o leste?

**ALEX** — Sabes bem que eu nunca leio os faxes, é um princípio. A mim, interessa-me apenas a assinatura de quem escreve e neste caso deve haver um equívoco, não iria ficar sem o subsídio devido a um pequeno lapso.

*(O homem que entrara há pouco tem um apito. Assobia e entra um enfermeiro acompanhado de um bofetineiro.)*

**ENFERMEIRO** — Senhor Alex Martim?

**ALEX** — O próprio.

**ENFERMEIRO** — É que houve um engano, a perna pertence ao seu vizinho, o senhor Barão de Auverney. Foi um equívoco, peço-lhe que volte a embrulhar.

**JUDITE** — É o melhor!

**ALEX** — Não embrulha nada. Isto é uma perna humana, de mulher.

**ENFERMEIRO** — É um membro masculino, muito antigo, que pertence ao senhor Barão. Como sabe, se não sabe devia saber, o senhor Barão de Auverney, o seu vizinho, é o maior especialista em pernas encontradas em minas.

*(O homem de escuro apita, entra o Barão.)*

**BARÃO DE AUVERNEY** — Meu caro Alex Martim, que situação mais embaraçosa. Tudo não passa de um engano. Esta perna nem sequer é da minha coleção, foi-me trazida por uma ambulância de Madrid. É tudo o que resta do meu sobrinho que era diplomata naquela cidade. Foi um atentado, uma tragédia. O seu último desejo era ser enterrado em Lisboa. Mas houve este engano, peço perdão a sua esposa, D. Judite. A perna não deve ficar mais de duas horas sem ser untada, pode ser contagiosa, tenho que a levar.

**ALEX** — Não leva, então isto é assim, vem uma perna de um diplomata ter a minha casa e eu não faço nada, não tomo uma posição! Eu tenho a minha dignidade! Eu trabalhei na Alemanha e recebi hoje mesmo um fax com o subsídio da minha reforma antecipada. Ora lê lá, Judite. Eu tenho a minha dignidade!

*(O enfermeiro tenta tirar a perna das mãos de Judite, seguido do boletineiro. O homem de escuro espreita atrás de uma cortina. Judite atira a perna a Alex.)*

**JUDITE** *(lê o fax)*

— Senhor Auvernay, o seu subsídio chega nas próximas 48 horas. Pedimos desculpa pelo incómodo, mas houve um lapso nos computadores...

**ALEX** — Senhor Auvernay!

**BARÃO** — Eu mesmo.

**ALEX** — Não é isso... o fax!

**JUDITE** — Eu bem dizia, eu sempre fui da opinião que devíamos ter ido para a Holanda. Uma coisa destas na Holanda não sucedia.

**BARÃO** — Se me é permitido...

**ALEX** — Vamos esclarecer já este assunto. O meu subsídio, que chegou hoje por fax, sim, o meu subsídio, no meu fax, diz que dentro de 48 horas... Não acredito no que ouço, eu não estou a ouvir certamente o que estou a tentar dizer, eu é que estou

a tentar explicar e não o senhor Barão. Como é que chega a minha casa um subsídio para o senhor Barão, dirigido a mim, no meu fax, mas que não é para mim, é para si, na minha casa...

**BARÃO** — Deixe-me expli...

**ALEX** — Mas depressa porque eu tenho que sair. Judite, onde é que puseste o meu boné? Eu tinha aqui, precisamente neste prego, pendurado há pouco o meu boné e agora não está. O senhor Barão é capaz também de explicar à assistência o que foi feito do meu boné?

**JUDITE** — E também por que razão eu recebi uma perna humana, em vez dos meus remédios.

**ALEX** — Exatamente. Por que razão a minha mulher recebeu uma perna numa encomenda de avião, quando o que estava à espera de receber era um pacote com remédios vindo expressamente de Hertogenbosch? Mas depressa, que eu vou sair.

**BARÃO** — Então, é assim...

*(Entra a criada do Barão, traz um embrulho. O fax começa a trabalhar. Ao longe ouvem-se explosões e raids de Migs.)*

**CRIADA** *(com sotaque brasileiro)*

— Senhor Barão, chegou agora mesmo este embrulho para o senhor.

**BARÃO** — Está desfeito o equívoco, são os remédios da senhora Judite Martim. Ora aqui está, vem da Holanda... os selos, a cola, tudo certo... da Holanda.

Judite — Os meus remédios!

**ALEX** — E já agora explique essa, como é que os remédios de minha mulher foram parar a sua casa e a perna humana à minha?

**BARÃO** — É fácil, uma simples troca de números. O de minha casa é o 6 e o da sua é o 9.

**ALEX** — Não me convence. Os números poderiam estar trocados, mas o que vem dentro dos embrulhos não coincide com os nomes que estão escritos no exterior. O embrulho que a minha mulher recebeu vinha de facto endereçado a ela e trazia dentro uma perna humana de um diplomata, vinda de Madrid, quando o que ela deveria ter recebido eram os remédios da Holanda. E agora o senhor recebe da Holanda os remédios da minha mulher quando o que deveria ter recebido era a perna do seu sobrinho!

**JUDITE** — Uma perna de mulher!

**ENFERMEIRO** *(tenta arrancar-lha da mão)*  
— Então, não vê que tem cabelos...

**JUDITE** — E a minha, não tem?  
*(Ouvem-se os lobos.)*

**JUDITE** *(atira a perna para o sítio dos uivos)*  
— Malditos lobos!

*(Correm todos para lá. Alex pega na perna. O Barão abre o embrulho e tira de dentro um braço. Esconde-o de imediato, aflito.)*

**BARÃO** *(para a criada)*  
— Quem lhe entregou este embrulho?

**CRIADA** — Foi um estafeta.

**BARÃO** — Estafeta. Como era ele?

**CRIADA** — Trazia um capacete.

**BARÃO** — Na cabeça ou na mão?

**CRIADA** — Na cabeça.

**BARÃO** — Já sei.

**CRIADA** — Mas depois tirou-o.

**BARÃO** — Tirou-o?

**CRIADA** — Sim, tirou-o.

**BARÃO** — Tirou-o como?

**CRIADA** — Tirou-o com as mãos, da cabeça. Depois pô-lo debaixo do braço esquerdo. A seguir deu-me o embrulho, olhou para mim... deu-me este papel... olhou outra vez para mim... e ficou à espera que o senhor Barão assinasse.

**BARÃO** — Então ele está ali fora à espera e a menina não dizia nada!

*(Correm todos e espreitam para um corredor.)*

**BARÃO** — Foi-se embora. Já sei, era o francês. A uma hora destas!

**ALEX** — Francês, qual francês?

**JUDITE** *(arranca o embrulho das mãos do Barão)*

— Os meus remédios, dê-me cá os meus remédios, essa agora!

**BARÃO** — Eu tenho que expli...

**JUDITE** *(dá um grito)*

— Ai, eu não acredito, não acredito, não, não, não.

**ALEX** — Mas o que é que eu estou a ver... o que é que eu estou a ver...

**BARÃO** — É que houve um equívoco...

**ALEX** — Uma mão! Agora que eu tinha que sair, eu não aguento isto, Judite, o meu boné?

**JUDITE** *(em choro)*

— Na Holanda não era assim, os meus remédios chegavam sempre a horas.

**ALEX** *(irritado)*

— E o meu subsídio, o senhor Barão é capaz de me dizer por que é que eu não recebi hoje o meu subsídio e por que razão é que o senhor se encontra em minha casa?

**CRIADA** — O senhor Barão precisa de mim?

**BARÃO** — Prepare-me as seringas.

**CRIADA** — Sim, senhor Barão.

*(O homem de escuro, meio escondido, atira azeitonas aos outros.)*

**JUDITE** — Mosquitos, só faltavam os mosquitos.

*(Começam todos a coçar-se e a matar mosquitos. Alex abre uma torneira.)*

**ALEX** — Não há água, há três dias que nem corre uma gota. E estes sacanas dos mosquitos.

**JUDITE** — Sabes bem que eu morro sem os meus remédios.

**ALEX** — E senhor Barão, por acaso, por algum acaso mais esquisito, não saberá por que razão a água falta há três dias?

**BARÃO** — Eu sou apenas um colecionador, senhor Alex, posso responder-lhe pela perna e pelo braço. Mais do que isso...

**ALEX** — Então, rua. Leve a perna, o braço e ponha-se na rua. Ou pensa que alguma vez eu tive medo de barões?

**ENFERMEIRO** — Então, senhor Alex!

**ALEX** *(grita)*

— O meu boné, Judite, o meu boné!

**JUDITE** — Lobos, mosquitos. Na Holanda...

*(Alguém atira um novo embrulho pelo ar. Ficam todos suspensos. Hesitam. Ouvem-se sirenes, ao fundo passam bandeiras. Atiram-se depois como cães a um osso.)*

**ALEX** *(fugindo com o embrulho)*

— Alto! Estou ou não estou em minha casa? Eu tenho a minha dignidade. Sou português, estive na Alemanha e tenho um fax. Tenho portanto a minha dignidade. E também esta navalha. E corto aquele que se aproximar deste sítio onde estou. E vou até subir para este banco e agora que estou mais alto que todos vocês eu digo que esta casa é minha e tudo o que aqui está dentro foi pago com o meu dinheiro. Não devo nada a ninguém... E agora, calmamente, vou abrir este embrulho e verificar se o subsídio que me mandam está correto.

**JUDITE** — Devem ser os meus remédios.

**ALEX** — Sempre que recebo embrulhos do estrangeiro sinto que estou vivo. Em Frankfurt recebia-os de manhã, por volta das 11. Era um sul-americano que distribuía o correio nos escritórios, para todas as secções do armazém. Era um momento de grande felicidade. Ia à casa de banho, com calma, abria os pacotes, normalmente vinham cheios de queijos de ovelha, dos mais pequenos, bem aconchegados. Outras vezes eram figos, nozes e até quadradinhos de marmelada. Comia logo dois ou três. Vinham embrulhados num pano e cobertos por um jornal. Ia comendo e lendo as notícias, já velhas, mas era como se fossem daquele dia: a morte do barbeiro, as bodas de ouro dos velhos merceeiros, o fedor da ribeira, a nova ponte, o chafariz que secou. Uma vez estava escrito que iam inaugurar uma agência bancária num prédio com uma fachada verde. O povo rejeitou. Ou tinha a fachada vermelha ou ninguém punha lá dinheiro. Houve discussão e veio outra agência.

*(Ouve-se uma sirene. Os outros escondem-se. Alex continua a falar como se nada tivesse ouvido.)*

... E depois apareceu também um café com um toldo vermelho. E mais ninguém construiu casas a não ser que fossem vermelhas. Até o padre mandou pintar a capela de encarnado, porque o povo não entrava. Então vieram as eleições e a terra ficou toda azul, as ruas, os candeeiros, os telhados, os mastros das bandeiras, porque eram as cores do rei e toda a gente seria tem um rei para amar. Como eu. Para mim a monarquia é sinónimo de democracia. É assim na Inglaterra, na Holanda, em Espanha, em todo o lado onde existem reis. No armazém, eu dizia para os gajos: Os melhores reis do mundo foram os de Portugal. Porquê? perguntavam eles. Porque tiveram as rainhas mais lindas do universo, mais bonitas mesmo do que as da Índia. E eles riam-se, não acreditavam. E eu falava na rainha Santa Isabel, na

D. Leonor, na Inês de Castro e no D. Sebastião e eles calavam-se a ouvir-me, horas e horas, eu a contar a História toda de Portugal desde o Viriato. O armazém até fechava para me escutar. Uma vez nas greves, em vez de discutirem, ficaram a ouvir a História de Portugal, o D. Nuno Álvares Pereira, o D. Dinis. Qual é o único rei do mundo que construiu sozinho um pinhal com as mãos? E eles todos, os árabes, os turcos, os italianos: foi o D. Dinis. E quem é que se entregou aos mouros? E eles: foi o D. Fernando. E por aí fora, a História toda de Portugal até aos nossos dias... Depois ficava a meditar na casa de banho, com os figos nas mãos e a chorar, a pensar no meu filho. Judite, não faz hoje anos que morreu o nosso filho? Até que vieram as eleições e toda a gente da terra votou no rei, era o que dizia o jornal que embrulhava os queijos. Uma vez trazia uns artigos sobre laticínios...

*(Alex olha para os lados, não vê ninguém, corre devagar para o rádio e comenta em voz baixa.)*

... Mais 29 faz 830 mortos e mais 204 feridos faz... 8974. Assim mesmo, não lhes dar o flanco. Pois... Isso é que é falar. Estão a brincar com o povo... Claro que é um país pequeno, e depois? A Dinamarca também não é um país pequeno? Não há condições? Arranjem-nas... Não é para isso que estão lá?... Qual lutas intestinas, são os americanos e os franceses... Qual partidos nem meios partidos... mais 14 mortos faz 844 e 50 feridos faz 4... 7 e 5... 12 e vai 1... dá 9024 feridos... negociações, pois claro, senão não há guerra que aguento... Em Oslo?... Para mim tanto faz, eu não vou lá... Só se receber o subsídio! É verdade, o subsídio... o subsídio... (Abre o embrulho.) Onde raio está o meu boné? Eu sempre disse que a Alemanha é que era um país como deve ser, tudo sempre a horas, não falta nada, mas ela sempre a puxar para a Holanda... Eu quero lá saber da Holanda! Eram as vacas, dizia ela. Queria ir para lá por causa das vacas, das vacas e dos moinhos... Eu quero lá saber das vacas! (Tira um jornal do bolso e lança-o para o chão.) Nem a uma notícia teve direito... Judite, não é hoje que faz anos que o nosso filho morreu? Ao menos que o jornal falasse, dava-me esse contentamento, mas não... Mais 17 mortos dá 861 e 40 feridos faz 9064.

## QUADRO II

*(ALEX e JUDITE de novo sozinhos. Chega a sobrinha com duas crianças, uma branca e uma preta.)*

**JUDITE** — A minha sobrinha!

**LILI** — Julguei que não conseguia chegar.

**JUDITE** — Esperava-te ontem.

**LILI** — Não receberam o meu fax?

**JUDITE** — Alex, chegou ontem algum fax da Lili?

**LILI** — Olá, tio!

**ALEX** — Para quem, para mim ou para o Barão?

**LILI** — O Barão?

**JUDITE** — Não liques, enquanto não fizer a operação ao joelho, ninguém o consegue aturar.

**LILI** — Mas ouvi dizer que a seguradora tinha mandado o Doutor Kruss para operar.

Judite — Trouxeste os meus remédios?

**LILI** — Que remédios, tia?

**JUDITE** — Os remédios que eu te pedi para trazeres da Holanda!

**LILI** — Mas eu há dois anos que vivo no Luxemburgo.

**JUDITE** — Não recebeste um fax a pedir-te os remédios?

**LILI** — Mas eu não tenho fax.

**JUDITE** — Alex, então os faxes que tu mandavas à Lili?

**ALEX** — Os faxes... os faxes... Eu quero é o meu subsídio.

**JUDITE** — Todos os dias ele te mandava um fax.

**LILI** — Mas eu não tenho fax.

**JUDITE** — Nesse caso não me trouxeste os remédios!

**ALEX** — Ela nunca me respondeu. Todos os dias lhe mandei faxes e nunca obtive resposta. De quem são estas crianças?

**LILI** — São minhas.

**ALEX** — Tuas? Afinal sempre tens crianças?

**LILI** — Sim, minhas.

**ALEX** — As duas?

**LILI** — As duas.

**ALEX** — Aquela também?

**LILI** — Aquela também.

**ALEX** — A preta?

**LILI** — A preta.

**ALEX** — Está bem.

**JUDITE** — Mas porquê preta, Lili?

**LILI** — Foi as que apanhei.

**ALEX** — Espera aí... Apanhaste?

**LILI** — Pronto, as crianças são minhas, mas não fui eu que as fiz, pronto, são adotadas, não têm nem mãe nem pai...

**ALEX** — Encontrei-as, assim, como hei de dizer, no lixo.

**LILI** — Ora, tio! O que é feito do primo?

**ALEX** — O meu filho saiu, não deve voltar. E, aliás, eu tenho também de sair. Onde é que o meu boné foi parar?

**JUDITE** — O teu primo casou, foi para África.

**ALEX** — Isso mesmo, partiu para África, não recebeste um fax com a notícia?

**LILI** — Mas eu não tenho fax, já disse.

**ALEX** — Pois foi, eu avisei-te para a Holanda da sua ida, do casamento, de tudo, mas tu nunca respondeste.

**LILI** — Eu não vivo na Holanda há dois anos, como podia eu saber?

**ALEX** — Podias ter telefonado.

**LILI** — E onde está o telefone? Os tios não têm telefone.

**JUDITE** — Foi desde que o teu tio fez aquilo na perna, cortámos o telefone. Mas isso foi depois de o teu primo ter saído, antes tínhamos um telefone vermelho com teclas, tal como o teclado daquele fax. Mas o teu tio cortou-o.

**LILI** — Então e não se lhe pode mandar um fax?

**ALEX** — Ninguém mexe no fax até vir o meu subsídio, porque eu recebo um subsídio, não preciso de esmolas. Mas que fazem estas crianças em minha casa?

**JUDITE** — Porquê uma criança preta, Lili? E a outra, não parece portuguesa.

**LILI** — Deixem-nas dormir. Também eu estou cansada, a viagem demorou o dobro do tempo.

**ALEX** — E não há um homem no meio disso?

**LILI** — Vou fazer um chá. Têm bolachas?

**JUDITE** — Um homem faz sempre falta quando há crianças. Era o teu primo que dizia.

**ALEX** — Eu não me vou embora sem encontrar o raio do boné.

**JUDITE** — Ontem chegou uma encomenda, mas o teu tio não a mostrou a ninguém. Tudo o que vem da Alemanha, ele esconde. Na outra semana vieram uns frascos de salsichas, eram para nós, mas foram entregá-las ao Barão.

**LILI** — É a segunda vez que falam no Barão.

**JUDITE** — Soubemos mais tarde, pelo fax. Felizmente estavam fora de prazo. Não sei se te disse que abriram um minimercado ali na rua.

**ALEX** — O filho já devia cá estar.

**LILI** — Hoje?

**JUDITE** — Avisou que vinha passar umas férias cá em casa, mas o teu tio respondeu-lhe que só depois de receber o subsídio.

**LILI** — Da Alemanha?

**ALEX** — Conto recebê-lo dentro de duas horas, pelas minhas contas. Já no mês passado foi assim. À hora que eu marquei no cronómetro, ele chegou.

**LILI** — Se for como no Luxemburgo, nem daqui a três dias!

**ALEX** — Eu estou a falar da Alemanha, não estou?

**LILI** — O tio não sabe o que se passa...

**ALEX** — O que se passa é que eles me pagam um subsídio e por isso eu não tenho que andar a pedir esmola.

**LILI** — E o dinheiro que estava no banco?

**ALEX** — Pergunta à tua tia.

**JUDITE** — Foi todo para os meus remédios da Holanda.

**LILI** — E o dinheiro que eu enviei todos os meses em nome das crianças?

**ALEX** — Julgas que eu alguma vez acreditei que os filhos fossem teus?

**JUDITE** — Era a minha saúde que estava em causa.

**ALEX** — Se o meu filho aqui estivesse, nada disto acontecia, só ele sabe arranjar o fax. Há mais de seis meses que está avariado, recebe os do Barão, mas ninguém sabe para onde vão os meus. É a primeira vez que isso me acontece com os alemães.

**LILI** — Vou beber o chá, não quero falar mais, pronto, preciso de pensar. Se o primo voltasse depressa, quem iria para África era eu.

**JUDITE** — Deixaste de vez o Luxemburgo?

**LILI** — Para sempre.

**ALEX** — Podias ir para a Alemanha.

**LILI** — Onde é que vocês têm a cabeça, não veem televisão?

**JUDITE** — O teu tio desde que tem aquilo no joelho nem olha para o aparelho.

**LILI** — Está toda a gente a vir-se embora, pronto, não há trabalho. É por toda a Europa. Queriam pôr-me a fazer a rua, porque era estrangeira. Chamaram-me à esquadra e perguntaram-me por que tinha eu uma criança preta em casa. Pronto, que queriam que eu dissesse? Que a tinha lavado com graxa! Ameaçaram-me, nunca mais me deixaram

em paz. Não a queriam na escola. A outra estava bem, é do Leste, mas estava bem, agora a africana, não. Pronto, quiseram queimar-me a casa. Fugi, que mais podia eu fazer?

**ALEX** — Isso na Alemanha não acontecia e eu sei o que estou a dizer.

**LILI** — Luxemburgo, Alemanha, não quero saber disso. Que pena o primo não estar aqui!

**JUDITE** — Saiu, mas deve estar a chegar com os meus remédios.

**ALEX** — Quando vier o meu subsídio tudo fica resolvido.

**LILI** — Vou dormir. Se pudesse esquecer tudo e voltar atrás, nunca tinha saído desta terra. Não sei, pronto, agora tenho aquelas duas crianças para tratar.

*(Lili, ao deitar-se, descobre um embrulho. Abre-o e vê uma caveira. Fica em pânico.)*

**LILI** — O que é isto?

**ALEX** — O quê?

**LILI** — Isto!

**ALEX** — Deve ser do Barão. Se é um osso, é do Barão!

**JUDITE** — Não são os meus remédios?

**LILI** — Não, é uma caveira, meu Deus!

**ALEX** — Judite, não é hoje que o nosso filho faz anos?

**JUDITE** — Sabes bem que o nosso filho morreu, por que insistes nessa mentira?

**ALEX** — Eu? Quem disse que ele tinha ido para África, fui eu ou foste tu?

**JUDITE** — Eu apenas disse que ele tinha saído para me ir buscar os remédios...

**ALEX** — Eu é que vou sair. Foi aqui neste prego que eu deixei o boné e agora a tua tia julga que neste sítio tinha o saco. Ora o teu primo quando chegou de França vinha numa jarra com cinzas.

**JUDITE** — Eu não disse que era o nosso filho.

**ALEX** — Então quem era? *(Ouvem-se os lobos.)*

**JUDITE** — Malditos lobos!

**ALEX** — Não ouço nada.

**JUDITE** — Lá estão eles outra vez...

### QUADRO III

*(Em casa do **BARÃO**. Um escritório com livros, estatuetas e objetos científicos. Uma secretária e uma cadeira enormes, com uma escada por onde sobe e desce constantemente. Tem um chicote na mão. **ALEX** entra com um saco pesado às costas, cheio de ossos.)*

**ALEX** — Foi tudo o que consegui.

**BARÃO** — A sua conduta foi execrável, falar-me nesse tom em sua casa foi uma afronta.

**ALEX** — Assim ninguém desconfia.

**BARÃO** — Mas não é necessário. Nunca se esqueça de quem eu sou.

**ALEX** — São 30 kg de ossos.

**BARÃO** — As ordens que eu tenho é de fornecer rapidamente 800 kg de ossos para a fronteira.

**ALEX** — Mas para isso são precisos muitos mais dias.

**BARÃO** — Tenho 48 horas para enviar a encomenda e ainda só juntei 85 quilos de ossos. É preciso pôr toda a gente a mexer, ir aos cemitérios, às traseiras dos escritórios, ao Parlamento, aos balneários públicos, a todo o lado onde haja ossos. Não se pode construir um país sem ossos. Como os consegue não sei, nem estou disposto a instaurar nenhum inquérito, contanto que me tragam a quantidade estipulada. Veja aqui esta fatura. Trezentos ossos de diversos tamanhos e feitios. E o carimbo, veja o carimbo, não lhe diz nada?

**ALEX** — Nada.

**BARÃO** — Ainda bem, o que é preciso é respondermos com eficiência a este pedido, pois está em causa o futuro do país.

**ALEX** — A Alemanha, em causa?

**BARÃO** — Estou a referir-me à Europa. Nunca ouviu falar da Europa?

**ALEX** — Já.

**BARÃO** — Ainda bem, É para lá que estamos a preparar a encomenda. Até agora, só me chegou a perna de um diplomata, a mão de um polícia e o crânio de um engenheiro e todos gente que eu conhecia. Estou à espera dos esqueletos de dois parentes da Grécia. Penso que compreende o que quero dizer.

**ALEX** — Não.

**BARÃO** — Se chegarem por encomenda a sua casa, já sabe do que se trata, de dois esqueletos. Mas escusa de avisar a Judite, aliás ela não necessita de saber nada do que se passa nestes edifícios, sobretudo do nosso negócio de ossos.

**ALEX** — Pois sim, mas quando recebo o meu subsídio? É a primeira vez que me falham.

**BARÃO** — Estou a tratar disso. É um processo cada vez mais difícil. Houve um engano no seu número de código e andam à procura de quem o terá recebido por si. Demorará algum tempo, mas tem é que se preocupar com a recolha dos ossos.

*(Entra a criada com uma seringa e espeta-a no braço do Barão.)*

**BARÃO** — Hoje pode servir também ao senhor Martin.

**ALEX** — E o Doutor Kruss? Ficou de vir há três dias. O meu joelho está cada vez mais inchado e corro o risco de não poder andar.

**BARÃO (ESTREMECE E BRANDE O CHICOTE)**

— Sem ossos não há subsídio, pensei que tivesse compreendido que agora estamos na Europa.

**ALEX** — Então e a Alemanha?

**BARÃO** — Proíbo-o de falar nesse nome. A Alemanha já não existe. Aliás, esse país nunca existiu, foi uma invenção do Leste.

**ALEX** — Mas eu trabalhei lá!

**BARÃO** — Aconselho-o a medir as palavras e a estar consciente de que daqui para o futuro todos os papéis serão alterados, carimbos, selos, certidões, tudo. É para isso que são necessários ossos.

**ALEX** — O senhor Barão desculpe, mas como vou comer sem o subsídio?

**BARÃO** — Não é problema meu.

**ALEX** — Eu acho que a Judite desconfia. Dantes não ouvia os lobos e neste momento é a toda a hora. E eu já não sei se eles existem na realidade ou se são uma invenção da cabeça dela.

**BARÃO** — O importante é que o negócio continue, com lobos ou sem lobos. E agora desapareça!

**ALEX** — E se lhe propuser um outro negócio, acha que poderia acelerar o processo relativo ao meu subsídio?

**BARÃO** — É de ossos?

—

**ALEX** — Trata-se de crianças.

**BARÃO** — Fale baixo. Como disse? De crianças?

**ALEX** — De duas crianças.

**BARÃO** — De esqueletos ou de crianças vivas?

**ALEX** — Vivas. Mas por enquanto não posso dizer mais nada.

**BARÃO** — Sendo assim, vivas... Talvez eu possa fazer com que se implemente o envio com urgência do seu subsídio.

**ALEX** — Obrigado, senhor Barão!

#### QUADRO IV

*(A criada anuncia a chegada de JUDITE com um embrulho. ALEX foge. O BARÃO torna-se melodramático.)*

**JUDITE** — Senhor Barão, temos que ser rápidos, o meu marido adormeceu.

**BARÃO** — Que temos hoje?

**JUDITE** — Uma caveira. Consegui descobrir onde a minha sobrinha a escondera.

**BARÃO** — Mas que boa servidora!

**JUDITE** — Posso ver o meu filho?

**BARÃO** — Tenha paciência, cara Judite, estas coisas levam o seu tempo. Os seus remédios já chegaram?

**JUDITE** — Ainda não, senhor Barão.

**BARÃO** — Mas eu telegrafei a pedir os seus remédios com urgência.

**JUDITE** — Posso ver então o meu filho?

**BARÃO** — Não sabe os riscos que eu corro cada vez que mando vir o seu filho, nem as humilhações por que passo para mover essas influências. Tudo isso, tudo por uma mãe que ama o seu filho.

**JUDITE** (*suplicante*)  
— Posso vê-lo?

**BARÃO** — E o que combinámos?

**JUDITE** — Ela chegou e eu já lhe falei no senhor Barão.

**BARÃO** — E veio bonita?

**JUDITE** — Como sempre.

**BARÃO** — Lembra-se de mim?

**JUDITE** — Não lhe disse quem era, apenas um senhor Barão amigo da família.

**BARÃO** — Então não se recorda de nada. Ainda bem. Era ainda uma menina.

**JUDITE** — Posso vê-lo?

**BARÃO** (*zangado*)

— Preciso de estar com Lili o mais rápido possível, é um dever, é imprescindível para a construção deste país. Desde quando uma jovem mulher regressada da Holanda se pavoneia por aí sem vir ao meu gabinete?

**JUDITE** — Do Luxemburgo, senhor Barão.

**BARÃO** — Não me interrompa. O Luxemburgo não existe. Trata-se da Europa e quando eu falo da Europa, à minha frente ninguém tem o direito de citar o Luxemburgo. Nem sequer a Holanda. A Holanda também não existe.

**JUDITE** — Senhor Barão...

**BARÃO** — Quando digo que quero a Lili para mim, é por isso, porque a Europa precisa de jovens mulheres, precisa de carne fresca. Por que pensa que elas vêm ao meu gabinete? Porque é aqui no meio destes livros e destes utensílios que a Europa está a ser construída.

*(Do teto desce uma jaula pequena com o filho de Judite. Esta corre para ele e pendura-se nas grades.)*

**BARÃO** (*discursa e cospe de vez em quando*) — As pessoas são curiosas, pensam que os países são uma coisa fundamental para a existência. A terra, o que é a terra? Alguém é capaz de me apontar um país, um único que seja, onde não se processe um negócio de ossos? Quantos mortos passam diariamente por um ecrã... 20... 70... 150, talvez 300. E desse número quantos desejariam na realidade morrer? 5... 6... talvez uma dúzia. Digo, na realidade...

*(Entra a criada com outra seringa e espeta-a no braço do Barão.)*

... porque alguns deles seriam capazes de dar a vida por uma causa justa, para defender a mãe, um filho ou um irmão. E desses quantos não teriam deixado dedos e mãos pelo caminho, quantos não seriam loucos, surdos, coxos, quantos não estariam apodrecendo em prisões e nos hospitais! Dizem que eu sou um barão lunático por ter a visão global de uma Europa para todos os cidadãos. Lunático seria se não os obrigasse a passar pelo meu gabinete, se não os testasse. Porque um verdadeiro político tem de saber com que cidadãos é que conta. O que mais me irrita é a incompetência. Não é o roubo, nem o crime, nem o suicídio. É a incompetência...

*(O Barão faz um sinal à criada e fica a resmungar a um canto. Judite chora. A criada entrega a seringa a Judite e esta espeta-a devagar no corpo do filho, que dá um grito rouco de animal. A jaula sobe levando Judite e a criada agarradas. As duas descem logo a seguir por cordas.)*

**BARÃO** (*com o chicote, para a criada*)

— Quantas vezes tenho que avisar que ela não deve acompanhar o filho ao telhado.

**CRIADA** — Está tudo controlado, senhor Barão.

**BARÃO** — Tem a certeza de que ninguém os viu no telhado?

**CRIADA** — Ninguém.

**BARÃO** — É preciso tornar a repetir-lhe que estou a construir a Europa e que ninguém pode ser visto no meu telhado. Tudo pode ir por água abaixo por sua causa.

**CRIADA** — Mas eu sou brasileira, senhor Barão, e o senhor sempre me disse que não fazia mal sentar-me no telhado, porque se via que eu não pertencço à Europa.

**BARÃO** — Já falou de mais, desapareça.

**JUDITE** — A culpa é minha, senhor Barão.

**BARÃO** — Minha cara Judite, eu aprecio o cuidado que tem com o seu filho. Mas ele agora pertence a uma outra versão dos acontecimentos. Nada se passa como a senhora vê na televisão. O mundo está diferente. Os filhos já não pertencem aos pais, pertencem à causa, fazem parte da Europa. É por isso que passam pelo meu gabinete. Veja aqui este papel, repare na fotografia. É o seu filho. Não vê o carimbo? E a assinatura? Sou eu que assino a chegada dos jovens à Europa. Sou eu que lhes vejo os dentes, as axilas, os testículos. Não é que eu goste, porque tenho o meu projeto próprio para a Europa, mas incumbiram-me de o fazer. Note bem, Judite, são poucos os que voltam. E porquê o seu filho? Porque ele nasceu neste prédio, porque os meus vizinhos têm mais direitos do que os outros. E a Lili também terá esse direito, porque é a sobrinha dos meus vizinhos.

**JUDITE** (*esgotada*)

— Os meus remédios quando vêm, senhor Barão?

**BARÃO** — Eu vou tratar disso. Não pode é dizer nada ao senhor Alex sob pena de comprometer o nosso compromisso.

**JUDITE** — Deixo-lhe a caveira, mas sem os meus remédios sabe que morro, nem forças tenho para roubar mais ossos.

**BARÃO** — Não pense nisso, traga-me mas é a sua sobrinha e terá os seus remédios.

**JUDITE** — Obrigado, senhor Barão.

## QUADRO V

*(Em casa de ALEX. LILI brinca com as crianças.)*

**ALEX** — Chegaste tarde!

**JUDITE** — Fui à farmácia, podia ter havido um engano.

**ALEX** — Na farmácia?

**JUDITE** — Podiam ter enviado para lá o embrulho, como se trata de remédios...

**LILI** — Eu posso ir lá mais logo.

**ALEX** — Talvez seja melhor, antes que a tua tia morra para aí! Se eu pudesse, mas não me convém sair sem o boné.

**LILI** — Eu vou.

**JUDITE** — Que idade têm os meninos?

**LILI** — Quatro anos.

**ALEX** — Parecem mais velhos.

**JUDITE** — Estão muito crescidos.

**LILI** — Eu já vos tinha dito a idade deles!

**JUDITE** — Não ouvi.

**ALEX** — Sempre com a televisão acesa, como é possível ouvires o que quer que seja?

**JUDITE** — A ti, dispenso.

**ALEX** — Sim, mas com a tua sobrinha é diferente. Podes ir, Lili, eu tomo conta das crianças.

**LILI** — Não é necessário, eles passam o tempo a dormir. Assim que viro costas, adormecem.

**JUDITE** — Já tinha reparado que elas não são como as outras, nunca as ouvi chorar.

**ALEX** — Então não ouviste, ontem, quando um delas caiu da cama?

**JUDITE** — Isso eram os lobos. Tu sempre confundiste o choro das crianças com o uivar dos lobos. Já quando era do nosso filho, fazias o mesmo, levantavas-te para disparar sobre os lobos. E no entanto era o nosso filho que chorava com pesadelos.

**LILI** — Estes não têm pesadelos, graças a Deus!

**ALEX** — E não foi uma noite nem duas. Não passava uma que não lhe mandasse chumbo para o lombo. Quero lá saber dos lobos. Por mim, matavam-se todos os animais ao cimo da terra, queria lá saber! É só confusão. Na fábrica...

**JUDITE** — Lá está outra vez com a fábrica. Se o médico viesse e lhe cortasse o joelho, já não tinha tempo para aquelas histórias!

**LILI** — Ai, tia!

**ALEX** — ... Um dia apareceu um urso, tinha fugido de um circo. Escondeu-se nas máquinas, pensava que eram jaulas. Ninguém se quis aproximar, isso é que foi. Que venha o português! — gritou o administrador. Foi num instante, o urso olhava para mim encostado à máquina, ele de um lado e eu do outro. Estendia-lhe a mão e ele esticava uma pata a ver se me agarrava, depois o pescoço, para me comer. Estivemos assim, nesta luta, e eu a olhar para o botão, era só um gesto e a guilhotina cortava-o em dois. Mas ele seguia-me com os olhos, o malandro, E eu então fingi-me bêbado, a cabeça a andar à roda, as mãos na cabeça. O desgraçado ficou quieto, não percebeu, e eu então, num repete, zás. Toquei no botão e apanhei-o. Ficou em bocados. O sangue parecia tinta. Era tanto que foram precisos mais de 30 baldes. Que era tarefa de eletricitista, disseram os outros, mas eu disse-lhe logo: Em Portugal é assim que se faz a História, ou se ganha ou se morre, não há meias tintas! Toda a gente se calou.

**JUDITE** — Já está?

**ALEX** — O que foi?

**LILI** — Não vão discutir, pois não?

**ALEX** — Se não fosse as crianças estarem a dormir...

**JUDITE** — Vai lá, filha, antes que a farmácia feche.

**ALEX** — Sim, vai.

**LILI** — Está bem. Olhem pelos meus meninos!

*(ALEX ouve rádio e resmunga. JUDITE mexe no aparelho. Os dois, separadamente, observam de perto as crianças e voltam para o local onde estavam. Falam baixo, com alguma cumplicidade com o público, mas de modo a que não se ouçam um ao outro.)*

**ALEX** — Oram vejam estes dois pombinhos. Devem pesar bem 30 kg, talvez até 50. Quietos, não acordem, que é o vosso tio. O Barão vai ficar contente. Mas ele não pense que vai ser de borla. Ou o meu subsídio chega ou ele nem lhes toca. Tão certo como eu chamar-me Alex. Nem parecem pessoas, coitados. Deixa ver...  
*(Pica-os com uma agulha.)*

Nem um ai! A carne hoje em dia... Querem ver que...  
(*Tira um sapato a um deles e morde-lhe o calcanhar.*)

Nada!

**JUDITE** — Não me convenço, um preto e um branco! Qual deles pesará mais?

(*Pega no preto.*)

Talvez este! Que dirá o Barão? É a primeira vez que lhe vou apresentar ossos desta cor. Ele agora é que vai ver se posso ou não ver o meu filho! Devem pesar mais de 70 kg.

(*Ausculta-os, mete-lhes uma mão dentro da roupa.*)

Nada, parece que não existem. Onde terá a Lili encontrado estas crianças?

**ALEX** — Não posso perder tempo. Tenho de falar com o Barão antes que a Lili chegue. Não vai acreditar!

**JUDITE** — Se fossem mesmo filhos dela, não seria capaz, mas assim, sabe-se lá onde os foi encontrar! Nalguma lixeira. Era capaz disso. Ela nunca foi muito direita. Se o Barão lá estivesse agora, tratava já do assunto. Não, ela pode chegar.

**ALEX** — Não os posso levar assim, preciso de me concentrar. Ainda bem que aquela não larga a televisão, se desse por isso não sei o que podia acontecer!

**JUDITE** — Bendito o homem que inventou os rádios, senão aquele doido ainda fazia uma asneira se soubesse que vou vender as crianças ao Barão. Talvez seja melhor esperar que o médico lhe corte a perna!

**ALEX** — Se os remédios não chegarem ela vai desta para melhor! Então posso negociar à vontade com o Barão. Não me vai negar o subsídio quando vir estes dois rebentos tão tenrinhos!

**JUDITE** — O pior é a Lili, quando chegar ao pé da cama e reparar que as crianças não estão lá! Digo-lhe que fugiram para os pais, ou melhor, que os pais apareceram e os levaram, pois, que veio um casal do Luxemburgo e perguntou por duas crianças, uma preta e uma branca, e então eu não pude fazer outra coisa senão entregar-lhas.

**ALEX** — À Lili, digo-lhe que veio cá um senhor da polícia holandesa com um advogado buscar as crianças. Quem me diz a mim que as crianças não são roubadas!

(*Os dois cruzam-se e ficam atrapalhados.*)

**ALEX** — O meu boné devia estar aqui...

**JUDITE** — Parece-me ter visto um lobo...

**ALEX** — Precisava de sair...

**JUDITE** — A farmácia já deve ter fechado...

—

**ALEX** — Ah, o que dizes?

**JUDITE** — O aparelho... passou-se qualquer coisa com o novo canal!

**ALEX** — Pensava que estavas a falar do fax, não faz mal, daqui a pouco o subsídio deve chegar...

**JUDITE** — Está bem, vou-me sentar, estou cansada.

**ALEX** — Lá fora deve estar calor, talvez seja melhor fechar aquela janela!

**JUDITE** — As crianças, estão a dormir?

**ALEX** — Sim, estão.

**JUDITE** — Coitadinhas, vieram de tão longe!

## QUADRO VI

(Em casa do **BARÃO**. Encontro com **LILI**.)

**BARÃO** — Finalmente!

**LILI** — Finalmente!

**BARÃO** — Demoraste a chegar!

**LILI** — Oh, Barão!

**BARÃO** — Trouxeste o material?

**LILI** — Sim.

**BARÃO** — Quantos?

**LILI** — Dois.

**BARÃO** — Só?

**LILI** — Mas é um de cada cor!

**BARÃO** — E quanto pesam?

**LILI** — 100 kg.

**BARÃO** — Ótimo.

**Lili** — Oh, Barão!

**BARÃO** (*abraçam-se*)

— Minha couve! Como posso eu viver sem esse teu cheiro?

**LILI** — E ele, como está?

**BARÃO** — Bem, como sempre doidinho por ti!

**LILI** — Quero vê-lo.

**BARÃO** — Minha couve, sabes bem que nada te posso negar, mas as ordens são para que ele não seja visto com ninguém. Nem podia ser de outra maneira.

**LILI** — Não quero saber dessa história da Europa, já a sei de cor. Tudo o que eu quero é ver o meu primo.

**BARÃO** – Então, Lili, já te esqueceste que eu sempre te tratei bem...

**LILI** – Já esqueci.

**BARÃO** – Tu és a única a quem tudo é permitido.

**LILI** – Como é? É o mesmo de sempre?

**BARÃO** – Lili!

**LILI** – Não adianta. Se é o mesmo, vamos a isso!

*(Entra a criada com uma bandeja enorme coberta de objetos de tortura.)*

**CRIADA** – O senhor Barão chamou?

**BARÃO** – Venha cá.

**CRIADA** – Sim, senhor Barão.

**BARÃO** – Já conhece a menina Lili?

**CRIADA** *(despeitada)*  
– Já ouvi falar.

**BARÃO** – Ouviu falar?

**CRIADA** – A D. Judite falou-me.

**BARÃO** – O que é que ela lhe disse?

**CRIADA** – Que a menina Lili estava no Luxemburgo e que tinha casado com um professor universitário.

**BARÃO** – Ela disse-lhe isso?

**CRIADA** – Disse.

**BARÃO** – E que mais?

**CRIADA** – Mais nada.

**BARÃO** *(ameaçador)*  
– E que mais?

**CRIADA** – Não posso dizer.

**BARÃO** *(batendo-lhe com um ferro)*  
— Diga...

**CRIADA** — Que era uma mulher da rua, uma desavergonhada...

**BARÃO** — E mais... mais...

**CRIADA** — Uma megera, uma ordinária...

**BARÃO** *(excitado)*  
— E mais... diga mais...

**CRIADA** — Que era uma puta.

**BARÃO** — E outras coisas... mais...

*(A criada espeta uma agulha no braço do Barão. Lili espeta-se a ela mesma e pega depois num chicote e numa turquês em brasa. O primo vai descendo lentamente dentro da jaula.)*

**BARÃO** — E que mais... diga... diga...

**CRIADA** — Uma puta!

**LILI** *(começa a bater-lhe)*  
— Sim, puta!

**BARÃO** — Sim, Lili, e o que fazias?

**LILI** — Estava a construir a Europa!

**BARÃO** — Sim, a Europa... a Europa!

**CRIADA** *(bate-lhe também)*  
— A Europa! Estava no Luxemburgo, a construir a Europa, e depois na Holanda, eu sei lá onde ela esteve, mas sempre na Europa, na Europa, a Europa, a Europ...

*(Lili corre para o primo. A criada continua a bater-lhe até se cansar.)*

**LILI** — Meu amor!

## QUADRO VII

*(Em casa de ALEX e JUDITE. Entra o médico e sai após tratar ALEX.)*

**MÉDICO** — Nunca pensei chegar tão cedo. O trabalho aumentou nas últimas semanas e a minha capacidade de reação tem limites.

**ALEX** — A culpa não foi minha, enviei o fax com tempo...

**MÉDICO** — Claro, ninguém o acusa de nada. Mas esse fax só me foi entregue dois dias depois de ter chegado. Foi recebido num outro serviço, para doentes renais, e não conseguiram de imediato localizar a sua ficha de papel. Faltou a luz nesse dia e todos os ficheiros dos computadores desapareceram. O técnico estava ausente... Mas o que interessa é que estou aqui para o tratar!

**JUDITE** — Em boa hora chegou, porque o meu marido está à beira da loucura.

**MÉDICO** — Vamos lá então! Dispa-se.

**JUDITE** — Não sei se o senhor doutor conhece a Holanda, mas no que respeita à medicina, é do melhor.

**MÉDICO** — Não conheço.

**JUDITE** *(despeja um saco de remédios)*

— Doutor Veil, gostava que me desse uma opinião sobre os medicamentos que ando a tomar.

**MÉDICO** — Se eu souber! Mas o meu nome não é Veil, é Vail, e tem um W. Deite-se.

**JUDITE** — Tenho aqui um que nunca tomei... Ainda está no prazo... chama-se... O nome está riscado, foi ele de certeza, desde que o joelho inchou deu-lhe para me rasgar as caixas dos remédios e riscar tudo com um lápis.

**MÉDICO** — Vire-se. Não precisa tirar as calças.

**ALEX** — Mas, doutor Weii, o joelho...

**MÉDICO** — Eu sei por que estou aqui, não necessita dizer-me, vire-se e fique em tronco nu.

**JUDITE** — Este, por exemplo, o Octofene, para os brônquios...

**MÉDICO** *(espeta uma agulha no braço de Alex)*

— A minha especialidade são as doenças infecciosas, a Leptospirose. Já ouviu falar da Leptospirose?

**JUDITE** — E este, a Farmorubicina...

**ALEX** *(adormece)*  
— Doutor Weil, o joe...

**MÉDICO** — O seu marido alguma vez trabalhou nos esgotos?

**JUDITE** — Que eu saiba não.

**MÉDICO** *(serra-lhe o braço)*  
— O que me informaram é que ele andou numa mina nos arredores de Dusseldorf e que terá sido contaminado pela *Leptospira Icterohemorrágica*, como sabe, um parasita dos ratos.

**JUDITE** — O senhor doutor deve saber, mas do que ele se queixava era do joelho e foi isso que explicou no fax.

**MÉDICO** — No relatório que me entregaram falavam de um cotovelo. A partir de agora ele não deve tomar banho em águas duvidosas.

**JUDITE** — E este, o Syraprim? Será que me vão enviar o Syraprim da Holanda?

**MÉDICO** — Talvez, mas tenha atenção, porque o Syraprim possui Tn-metoprin, que é um produto contraindicado em doentes de insuficiência renal grave.

**JUDITE** *(agarra no braço de Alex e esconde-o)*  
— Era mesmo preciso cortar-lhe o braço, senhor doutor?

**MÉDICO** — Era a indicação que eu tinha da Europa.

**JUDITE** — Quando ele acordar, o que lhe digo?

**MÉDICO** *(sai)*  
— Que eu vou voltar! Tape-o bem, não pode perder calor, por causa da hemorragia.

*(Ouvem-se os lobos e estrondos de granadas. Judite atira com os remédios. Entra Lili.)*

**JUDITE** — Não aguento mais isto, vou morrer.

**LILI** — Não havia nada na farmácia. Cruzei-me com um senhor, ia a rir-se sozinho.

**JUDITE** — Deve ser o médico, cortou o braço ao teu tio, em vez da perna.

**LILI** — E agora?

**ALEX** *(acorda)*  
— Já está? O médico?

**JUDITE** — Foi-se embora.

**ALEX** — E a perna, tratou-me a perna?

**JUDITE** — Não sei, estava a ver televisão. Essas coisas de hospitais metem-me nervos...

**LILI** — Então e agora?

**ALEX** — Agora o quê?

**LILI** — O braço?

**ALEX** — Qual braço?

**LILI** — O do tio.

**ALEX** *(apercebe-se de que não tem braço, começa a gritar e a bater no fax, depois fica a um canto a gemer)*

— Eu logo vi, este médico não era alemão. Quando olhei para a agulha pressenti o pior, não pensei que o efeito fosse tão rápido.

**JUDITE** — Ele disse que voltava.

**ALEX** — Voltava? Para quê?

**JUDITE** — Não sei, disse que era melhor cortar o braço antes que fosse contaminado pela perna. Parece que é um estudo que andavam a fazer!

**ALEX** — Ele disse isso?

**JUDITE** — Não, mas eu vi logo. Aconteceu o mesmo na Holanda...

**ALEX** — Pareceu-me francês, mas não quis perguntar. Não podia imaginar que isto me iria acontecer.

**LILI** — E o braço onde está?

**JUDITE** — Levou-o ele.

**LILI** — Os meus meninos portaram-se bem?

**JUDITE** — Quando viram o doutor esconderam-se, de resto nunca se mexeram.

**LILI** — Muito bem.

**ALEX** — Tenho que fazer alguma coisa. Judite, é preciso fazermos qualquer coisa.

**JUDITE** — Já te disse que não mexo uma palha enquanto os meus remédios não vierem...

**ALEX** — Não podemos deixar entrar esse francês cá em casa.

**JUDITE** — Pela fala pareceu-me alemão.

**ALEX** — Não, nunca um médico alemão faria uma coisa destas, eu estive lá, eu vi.

**JUDITE** — Nunca me disseste que trabalhaste nos esgotos!

**ALEX** — Ele disse-te isso, o velhaco!

**JUDITE** — Em Dusseldorf.

**ALEX** — Eu nunca estive em Dusseldorf, sempre trabalhei em Munique, sabes muito bem disso.

**JUDITE** — Disse que tinhas Espigarrágica ou uma coisa parecida que é transmitida pelos ratos da Europa.

**ALEX** — Pelos ratos, eu!

*(Entra o Barão, acompanhado do enfermeiro, da criada e do médico.)*

**BARÃO** — Senhor Alex, as minhas sentidas desculpas em nome do Doutor Weil.

**ALEX** — Só podia ser o Barão!

**BARÃO** — Houve realmente um equívoco na correspondência trocada comigo e com a Europa.

**ALEX** — Só podia ser um equívoco!

**BARÃO** — É que eu escrevi Alex, pensando que deduzissem que eu me referia ao meu cunhado Alexandre de Vigny, o advogado que vive por baixo de nós. Como sabe, o braço gangrenou, após a explosão...

**ALEX** — Eu bem disse que o médico não era alemão.

**BARÃO** — De facto, o Doutor Weil tem um nome alemão, mas é francês.

**MÉDICO** — Penitencio-me por este engano.

**BARÃO** — Mas já que o temos cá, eu pedi autorização, a qual me foi concedida, para lhe tratar da perna. Como deve calcular, não é possível enviarem dois médicos para o mesmo efeito.

**ALEX** — Mas eu estou à espera do meu médico de família, o meu médico de Munique.

**BARÃO** *(faz um sinal para o enfermeiro. A criada tem a bandeja cheia de tesouras e serrotes)*  
— O Doutor Weil tratará de si.

**ALEX** — Eu quero o meu médico alemão.

**BARÃO** — Compreenda, caro Alex, que este tem um nome alemão e isso é suficiente na Europa.

*(Tenta fugir. O ENFERMEIRO e o médico agarram-no e amarram-no à cama. LILI tapa os olhos das crianças. A criada ri-se, eufórica.)*

**MÉDICO** — Podemos começar?

**BARÃO** — Façam o favor.

**JUDITE** — Senhor Barão...

**BARÃO** — Os seus remédios chegam amanhã. O meu fax já funciona e fui há pouco avisado de que tudo estava esclarecido.

*(Em voz baixa para JUDITE, enquanto os outros cortam a perna de ALEX.)*  
Não é a sua sobrinha que está ali?

**JUDITE** — É verdade, a Lili.

**BARÃO** — E o que combinámos, está a andar?

**JUDITE** — Tenho ali o braço para lhe dar.

**BARÃO** — Preciso dele ainda hoje.

**JUDITE** — Lili, não vês quem está aqui?

**LILI** — Diga, tia.

**JUDITE** — Não te lembras do senhor Barão?

**MÉDICO** *(inicia a operação)*

— Puxem! Você, poise isso e venha ajudar o enfermeiro.

**LILI** *(envergonhada)*

— O senhor Barão! Foi há muito tempo, eu era pequenina e não me lembro, só uma vaga ideia.

**BARÃO** — Como cresceu a sua sobrinha!

**CRIADA** — Não conseguimos, tem de serrar mais um pouco.

**JUDITE** — Já lá vão tantos anos!

**BARÃO** — Há de ir visitar-me um dia destes, dava-me imenso prazer! São as suas criancinhas, presumo!

**LILI** — Sim, duas.

**BARÃO** — Estão muito desenvolvidas!

**JUDITE** — Agora come-se melhor na Holanda. O senhor Barão sabe que...

**ENFERMEIRO** — Já está.

**JUDITE** (*para o médico*)

— Aquilo da Aspirorrágica, senhor Doutor Veil, era então para o cunhado do senhor Barão!

**MÉDICO** — Exatamente, *Leptospira ícterohemorrágica*. Referia-me ao senhor Alexandre de Vigny, nada a ver portanto com o seu marido. Mas o meu nome é Vail, com um W.

**JUDITE** — Quer dizer que ele nunca trabalhou nos esgotos de Dusseldorf!

**MÉDICO** — Exatamente, houve um engano.

**JUDITE** — Bem me parecia.

**BARÃO** — Está tudo esclarecido.

**CRIADA** (*passa junto a Lili com ar de provocação*)

— Podemos ir embora, senhor Barão?

**BARÃO** — Vá e prepare o jantar para o Doutor Weil.

**JUDITE** — E que digo eu ao meu marido quando ele acordar?

**MÉDICO** — Diga-lhe que foi um irritante equívoco e que não volta a acontecer, já telefonei para a Central.

**JUDITE** — Bem, nesse caso...

**BARÃO** (*sai com os outros*)

— Os meus cumprimentos!

**LILI** — Coitado do tio!

**JUDITE** — Que havemos nós de fazer!

**ALEX** *(acorda)*  
— Então, que é feito deles?

**JUDITE** — Deles, quem?

**ALEX** — Do Barão, do médico?

**JUDITE** — Foram-se embora.

**ALEX** — E a minha perna?

**JUDITE** — Levaram-na.

**ALEX** — A minha perna, esta do joelho!  
*(Repara que lhe cortaram a outra. Fica calado, em pânico, mas sem conseguir falar.)*

**LILI** — Coitado do tio!

**JUDITE** — Ninguém sabe para o que está guardado!

**LILI** — Tia, passa-se qualquer coisa, o tio não está bem.

**JUDITE** — Que será? Devem ter-se enganado, é o costume! Pois, cortaram-lhe a perna que estava boa!

**LILI** — E agora?

**JUDITE** — Não vês, é para não contaminar!

## QUADRO VIII

*(Nas escadas entre dois andares, o do BARÃO e o de ALEX. JUDITE e LILI conspiram e subornam a criada do BARÃO. ALEX e o BARÃO dormem cada um em sua casa, à vista do público. As crianças estão sentadas na cama.)*

**JUDITE** — O teu tio é como se estivesse morto, não conta. O que importa agora é tratarmos do teu casamento com o senhor Barão. Por isso, sempre que estiveres na sua presença não abras a boca. Deixa-o falar, abana a cabeça e sorri. O resto fica por minha conta.

**LILI** — Está bem, tia.

**CRIADA** — Tenho mais que fazer!

**JUDITE** — Já podemos? E o senhor Barão?

**CRIADA** — Dorme que nem um santo!

**LILI** — E se ele acorda?

**CRIADA** — Têm uma hora, 60 minutos em ponto. Vá, entrem.

**JUDITE** — Que bela casa, o senhor Barão sempre teve bom gosto. Faltou-lhe talvez uma mulher.

**LILI** — E se ele acorda?

**JUDITE** — O teu tio não pode sequer imaginar que eu te trouxe aqui para veres o que vais ver. Promete que não lhe dirás nada.

**LILI** — Mas o que é, tia?

**CRIADA** — Estejam à vontade, que ele não acorda, dei-lhe uma dose maior.

**JUDITE** — Uma surpresa.

**LILI** — Não me agrada!

**JUDITE** — Ali, pega nessa corda e deixa-a correr. Não digas nada, como se fosses cega e muda.

*(A jaula com o filho desce do teto.)*

Senta-te e escuta. Vê se o conheces, mas não digas nada. E repara na voz.

**LILI** — Primo!

**JUDITE** — Cala-te.

**TONI** — Mãe, estás aí?

**JUDITE** — Meu filho, sou eu, a tua mãe! Estás a ver, Lili, ele está longe e só eu o posso ouvir porque sou sua mãe. É o teu primo.

**TONI** ( *fala como se estivesse longe, mas sem gritar* )  
— Posso falar ou o Barão está a ouvir?

**JUDITE** — Fala, filho, fala.

**TONI** — O meu pai como está?

**JUDITE** — Enlouqueceu!

**TONI** — Meu Deus!

**JUDITE** — Cortaram-lhe a perna errada e um braço por engano.

**TONI** — Coitado! E eu que não posso fazer nada, enquanto a Europa não estiver construída!

**JUDITE** — Diz, filho, tens comido bem? Como estás, diz!

**TONI** — Não há peixe nem pão, só carne humana e sangue. E a Lili, como está ela?

**JUDITE** — Está no Luxemburgo, filho, tem perguntado por ti.  
(*Para Lili.*)  
Não digas nada, eu depois explico-te.

**LILI** — O que é, tia? Estou a ver o primo, mas não o ouço.

**JUDITE** — Ah, é verdade, só eu é que posso, porque sou sua mãe.

**TONI** — O pai está aí?

**JUDITE** — E a farda é bonita?

**TONI** — Não temos farda, apenas um capacete de cor e umas blue jeans. Ainda tenho que ficar mais um ano nesta terra. Há dias morreu o Vítor com uma bala no pescoço, avisa os pais dele. Do grupo que veio, só eu estou vivo.

**JUDITE** — Não te esqueças de trazer os remédios que te pedi. Da outra vez foi como se nada te tivesse pedido, apareceste com a cabeça ligada e só falavas no relógio que tinhas roubado. Agora vê lá!

**TONI** — Não aguento mais isto, quando regressar quero casar-me. Abrir uma loja e casar-me.

**JUDITE** (*para LILI*)

— Vês, eu não te disse?

**TONI** — Comprar um automóvel, muitas toalhas, uns óculos. E depois faço a casa.

**JUDITE** — O teu pai anda sempre a dizer que tu estoiras o dinheiro com vinho e mulheres. Está doido.

**TONI** — Quando isto estiver construído, ponho-me aí no rio a pescar, de manhã a noite, com os filhos e a mulher. Ainda existem as oliveiras ao pé de casa?

**JUDITE** — O teu pai só diz, ele já morreu, ficou em África, mas eu não acredito. É mentira, não é, meu filho?

**TONI** — Inscrevo-me nos bombeiros, compro uma bicicleta. Ainda há água no rio ou já secou?

**JUDITE** — Meu filho, tens uma casa à tua espera.

**TONI** — E a Lili, deu notícias?

**JUDITE** — Está no Luxemburgo.

**TONI** — Aí, dentro da gaveta do meu quarto, está um retrato de uma corista e um calendário. Lembras-te? Era a Palmira, a filha do leiteiro que entrou para o circo. Ainda é viva?

**JUDITE** — Essa, já morreu há muito!

**TONI** — E o Frederico que fugiu da tropa?

**JUDITE** — Esse, já se foi.

**TONI** — Lembras-te do velho João?

**JUDITE** (*para LILI*)

— A partir de agora só vai fazer perguntas. Vai ver se o teu tio está a dormir e depois vai à farmácia comprar pensos para lhe fazer os curativos. Leva o tempo que quiseres!

**TONI** — E o maluquinho que atirava azeitonas ao padre?

**JUDITE** — Vai.

*(LILI sai. JUDITE faz um sinal para a criada e dá-lhe dinheiro. A criada dirige-se para a casa de ALEX, espreira, espera que LILI desapareça e vai buscar as duas crianças.)*

**TONI** *(muda de voz)*  
— Mãe, já foram?

**JUDITE** — Sim, podes falar.

**TONI** — Eu tenho de arranjar uma saída para isto!

**JUDITE** — Já tratei de tudo. Mandeí raptar as duas crianças.

**TONI** — Quais crianças, não quero miúdos metidos nisto, já chega os que vi cair à minha frente.

**JUDITE** — São as crianças da Lili.

**TONI** — Ainda por cima, mas ninguém me disse que ela tinha filhos.

**JUDITE** — Não são dela, foi ela que os trouxe mas não são dela.

**TONI** — Então de quem são?

**JUDITE** — Não sei, mas que importa. É preciso que saias daí o mais depressa possível, antes que o teu pai morra.

**TONI** — Cortaram-lhe a perna?

**JUDITE** — Foi a perna errada.

**TONI** — Quem foi o filho da puta?

**JUDITE** — Um francês.

**TONI** — Eu logo vi.

**JUDITE** — Mas já pediram desculpa.

**TONI** — De certeza, são coisas desse merda do Barão!

**JUDITE** — O Barão é a única pessoa que me pode ajudar. Já fez o pedido para tu saíres.

**TONI** — A mãe ainda acredita no Barão?

**JUDITE** — Em quem mais posso eu confiar?

**TONI** — O pai sabe que estás aqui?

**JUDITE** — Não e ainda bem, se não estragava tudo, sabes como ele é. Era capaz de matar o Barão.

*(Tira um braço de um cesto.)*

Vês este braço, é do teu pai, para dar ao Barão. Prometi-lhe e ele disse que intercedia por ti.

**TONI** — O cabrão, manda cortar um braço do pai, por minha causa!

**JUDITE** — O teu pai está velho, pode muito bem prescindir de um braço para te salvar.

**TONI** — Mas por que não foi ele a decidir?

**JUDITE** — Porque não acredita que estejas vivo, continua a pensar que morreste na guerra de África.

**TONI** — Tenho que sair daqui, não aguento mais isto.

**JUDITE** — Deixa só o Barão acordar que eu trato disso, mas ele não nos pode ver juntos.

**TONI** — Mostra-me o braço.

**JUDITE** — Está aqui, podes tocar.

**TONI** — O meu querido pai. É o braço dele...

**JUDITE** — É o que te tenho estado a dizer.

**TONI** — Quando isto tudo acabar, eu mato esse Barão.

**JUDITE** — Não foi ele que cortou, foi um médico.

**TONI** — Mato os dois, vais ver. Não aguento! E a Lili?

*(Entra a criada com as crianças.)*

**CRIADA** — Toca a andar.

**JUDITE** — Cumprimentem o primo.

**TONI** — São elas?

**JUDITE** — São, mas não falam, nunca falaram.

**CRIADA** — São esquisitas, parecem de borracha.

**JUDITE** — Tens que ir, filho.

**CRIADA** — O Barão deve estar a acordar.

**JUDITE** — Ouviste? Tens que ir.

**TONI** — Não posso se não puxarem a corda.

**JUDITE** — Ela puxa, adeus, meu filho. Dá cá o braço do teu pai, antes que o senhor Barão acorde.

**TONI** — Não aguento mais isto, eu mato essa gente toda!

*(O Barão acorda e dirige-se para uma balança em cima da qual está um caixote cheio de ossos. A criada fica sentada, sem mexer.)*

**BARÃO** — Ah, já cá está!

**JUDITE** — Vim assim que soube.

**BARÃO** — Que soube o quê?

**JUDITE** — Que estava a selar a encomenda para a Europa.

**BARÃO** — Claro, estava só à espera disso. Dê cá.

**JUDITE** *(entrega-lhe o braço de Alex)*  
— Ainda está quente, mas o sangue já coalhou.

**BARÃO** — Ótimo, assim a encomenda vai completa. 830 kg, nunca fizemos tanto num só dia!

**JUDITE** — Como vê, faço o meu melhor.

**BARÃO** — E Lili, sempre lhe falou daquilo?

**JUDITE** — Está tudo combinado, não vê ali ao canto?

**BARÃO** — As criancinhas, olha as criancinhas!

**JUDITE** — Tal como combinámos. As criancinhas em troca do meu filho.

**BARÃO** — Não é tão fácil assim, houve um problema, uma nova lei que saiu há dias e que proíbe o celibato a todos os membros do poder.

**JUDITE** — Mas que tem isso a ver...

**BARÃO** — É que eu não só sou membro do poder mas também um influente negociante de ossos da Europa. Não sei se já lhe tinha dito que tirei, em tempos, um curso de Economia, pensando já na altura que uma coisa deste género viria a acontecer. E o senhor Alex, como está? Deve estar mal, claro. Mas como estava a dizer, é preciso precavermo-nos contra todas as eventualidades que ocorrem nos tempos modernos. Imaginaria, cara Judite, que o seu marido iria ficar tão cedo sem um braço e sem uma perna? Claro que não. Se fosse apenas sem um dedo, num acidente de trabalho ou coisa assim, se bem que em Munique isso seja raro!

**JUDITE** — Senhor Barão, falemos das crianças.

**BARÃO** — Não, primeiro temos que marcar o casamento. Como ia dizendo, em tempos fui enfermeiro, na tropa. Era uma especialidade muito concorrida. Todos os dias cortava uma perna a um soldado, às vezes as duas. Está a ver aquele serrote ali pendurado? Já cortou mais de 4000 pernas. É uma relíquia, nunca me hei de desfazer dele. Alguns dentes estão tortos, mas não importa. O que é necessário saber é o sítio, o local exato onde se deve cortar. Abaixo do joelho, acima dele, junto ao pé, no meio da coxa. Tudo isso se aprende no exército. Hoje em dia, penso que se passa o mesmo com o seu filho, não há militar que não saiba cortar uma perna, a frio, numa garagem improvisada ou numa floresta. Tem é que se dar um golpe na cabeça do ferido... assim, com a mão fechada... para ele ficar inconsciente. Quando acorda não há nada a fazer. Muitos guardam a perna à cintura como se fosse um coelho!

**JUDITE** — Senhor Barão, o meu filho...

**BARÃO** — 830 kg, finalmente espero que me seja dado o valor, uma promoção. Mas para isso preciso de me casar. Sempre falou com a Lili?

**JUDITE** — Está tudo combinado, já tenho as crianças, agora quero o meu filho.

**BARÃO** (*irritado*)

— Só depois do casamento, já lhe disse.

**JUDITE** — O senhor Barão prometeu-me o meu filho em troca das crianças.

**BARÃO** — Mas isso foi antes desta nova lei do celibato, agora tudo muda. E os seus remédios, já não quer os seus remédios? Devem estar a chegar, recebi há pouco um fax da Holanda.

**JUDITE** (*num tom seco*)

— O meu filho e os remédios.

**BARÃO** — Vamos a ver se nos entendemos. A senhora quer o seu filho?

**JUDITE** — Quero.

**BARÃO** — Então temos que cumprir a lei.

**JUDITE** — Qual lei?

**BARÃO** — A do celibato, D. Judite, a do celibato. Eu... ouça bem... eu... eu... o Barão... preciso de casar. Entenda isto, preciso de casar. E com quem? Com a Lili, percebe agora, com a Lili.

**JUDITE** — Pronto, está bem. Casa com a Lili, já está tudo combinado.

**BARÃO** — Quando é que combinou?

**JUDITE** — Ontem.

**BARÃO** — E por que não disse isso antes?

**JUDITE** — Cada coisa por sua vez, eu estava a falar das crianças e o senhor Barão do casamento, não nos entendíamos. Agora está tudo esclarecido. O senhor Barão quer casar com a Lili, está no seu direito. Eu quero o meu filho, estou no meu direito.

**BARÃO** — Quanto a esse assunto, aguardo que me chegue a ordem superior. Eu não sou militar e por isso não posso assinar.

**JUDITE** — Mas é um executivo. Ou não é?

**BARÃO** — Sou, claro que sou. Mas civil.

**JUDITE** — Sem o meu consentimento, a minha sobrinha não casa. Portanto cabe ao senhor Barão decidir. Ou o meu filho me é devolvido ou a sua lei não se cumpre e o senhor Barão não é promovido.

**BARÃO** — E os remédios, não contam? Já se esqueceu que sem os remédios a senhora só tem mais três dias de vida?

**JUDITE** — Trata-se do meu filho. Os remédios vêm a seguir. *(De costas para o Barão.)* Pensa que eu estou doida.

**BARÃO** — Senhora Judite, eu não devia dizer-lhe isto, mas esta lei deu-me volta à cabeça. O seu filho é apenas um corpo.

**JUDITE** — E do que estamos nós a falar, senão de um corpo? Julgava que o meu filho era um automóvel, ou um fax? O meu filho é um corpo.

**BARÃO** — Não é isso, D. Judite. É que ele não tem vida.

**JUDITE** — Isso é o que o meu marido diz, não o que o senhor Barão está a tentar insinuar. Eu vi-o, eu estive com ele e não quero mais conversas. E agora vou-me embora, deixo-lhe as crianças e passo por cá amanhã buscar o meu filho, senão não há casamento.

**BARÃO** — E as crianças?

**JUDITE** — Ficam. Está tudo combinado.

**BARÃO** — Obrigado.

**JUDITE** (*sai*)

— Passe bem!

**CRIADA** — Finalmente.

**BARÃO** — Ouviste tudo.

**CRIADA** (*dá uma injeção no braço do Barão*)

— Tudo. Mas não se esqueça que ele é meu.

**BARÃO** — Como me ia esquecer duma coisa dessas?

**CRIADA** — Às vezes o Barão faz-se de esquecido. E ia estragando tudo quando disse à senhora Judite que ele era apenas o corpo do filho e não o próprio filho. A sobrinha dela pensa que o primo está perdido por ela. Coitadas!

**BARÃO** — Foi um momento de fraqueza, esta lei do celibato transtornou-me o comportamento. Se não envio a certidão, corro o risco de ser despedido. Ainda gostas dele?

**CRIADA** — É tudo o que mais quero. E está em causa a minha liberdade. Assim que ele sair fugimos para o Brasil.

**BARÃO** — Ele está a acabar o tempo, dentro de 24 horas soltam-no. Agora só falta ter a Lili nos meus braços, o sonho de toda a minha vida.

**CRIADA** — Dela trato eu.

**BARÃO** — Não tens olhos senão para o Toni.

**CRIADA** — E é já.

*(Puxa a corda e faz descer a jaula. Toni e a criada conversam e beijam-se. O Barão pega nas crianças e põe-nas em cima de uma mesa. Mexe-lhes nos membros como se brincasse com bonecos.)*

**BARÃO** — Sempre gostei de crianças, desde pequeno. De todas as cores, de todos os sexos e nacionalidades, crianças em geral. É uma carne tenra a que não resisto, um gosto característico a leite e a urina que me apaziguam. Gosto daquela textura, dos bracinhos, das pernitas, tal como nas rãs, ora se esticando ora se encolhendo, conforme a disposição e o medo. E os coraçõezinhos, olha como batem, parecem pombos escondidos dentro de uma árvore...

*(Entra o enfermeiro e ajuda o Barão.)*

... Vamos agora ver as línguas, mostrem lá!... Já têm dentinhos e amígdalas grandinhas... façam ah, ah... muito bem. O pior é a fala, demoram muitos anos antes que aprendam a dizer uma frase completa. Esse é o mal das crianças, não dizem nada, só gritam, e se se lhes dá um estalo desatam aos berros. (Bate-lhes.) Mas estas não, não respondem, são muito bem comportadas. Noutros tempos eram tiranos, hoje não, apanham e calam-se.

**ENFERMEIRO** — É verdade, senhor Barão!

**BARÃO** — Até tenho pena de as meter na encomenda para a Europa. Quanto pesarão? Talvez 60 kg ao todo, sem roupa.

*(Despem-nas e atiram-nas para cima da balança.)*

Exato, 60 kg. Este é outro problema, pesam pouco, não dão rendimento. E depois têm os ossos curtos. Quanto medirá esta pernita? Aí uns 20 cm, não mais. Não percebo, na Suécia elas nascem maiores, talvez devido ao frio, mas no Luxemburgo são raquíticas.

**ENFERMEIRO** — Eu também não!

**BARÃO** — Recorda-se o que combinámos?

**ENFERMEIRO** — Recordo.

**BARÃO** — Então diga.

**ENFERMEIRO** — Dispo a bata e faço de notário.

**BARÃO** — E o bigode?

**ENFERMEIRO** — Tiro o bigode do bolso e colo-o no beijo.

**BARÃO** — Bem. Como estava a dizer, a não ser que as crianças não sejam realmente crianças, mas apenas bonecos com ossos, como os salpicões que se compram na Áustria. Tenho que certificar-me se não fui enganado, é a primeira vez que tenho na minha presença crianças luxemburguesas. Se tivessem vindo de Itália cobertas de torrão ou de Espanha barradas de caramelo, eu não desconfiaria, mas assim, amanteigadas e cobertas de iogurte, tenho dúvidas. (Espeta-as com uma faca.) Não têm sangue. Que crianças mais estranhas que hoje em dia se fazem!

**ENFERMEIRO** — Melhor assim, não espalharemos sangue pelo chão, como de costume.

**BARÃO** — Talvez até nem seja necessário cortá-las a machado.

**ENFERMEIRO** — Pois não.

**BARÃO** — Bastará desmembrá-las. E terei força para isso? Pergunto por perguntar, serão estes braços capazes de desmembrar uma criança, tão esburacados que estão de tanto veneno? Maldito seja o poder que se instalou no meu corpo. Quem será capaz de julgar o sofrimento dos outros? E quem me atirá a primeira pedra por estar a fornecer ossos para construir a Europa? Ninguém.

*(Começa a cortar as crianças com um machado.)*

Serão crianças, serão bonecos, que importa, desde que tenham ossos! Alguém tem que cumprir esta missão. Se pensam que me arrependo disto tudo, estão enganados. O que me interessa é ter Lili nos braços o mais depressa possível. Com ela junto a mim, a Europa ficará construída e nada mais importa. Que contam mais ou menos duas crianças, se apenas faltam 60 kg para terminar a encomenda? Não sou eu que decido, apenas cumprio o que me mandam! Sempre foi assim, por que não continuar a sê-lo? E quem sou eu para modificar o mundo? Eu apenas estou incumbido de gerir este prédio, mais nada. Se não fosse a lei do celibato, tudo estaria já terminado, mas ainda bem, porque é Lili que eu amo e com ela vou casar. Percebeu?

*(Entra Lili, pensando que a tia ainda ali está.)*

**LILI** — A minha tia?

**BARÃO** — Já se foi embora mas deixou tudo tratado.

**LILI** — Oh, ainda bem.

**BARÃO** — Já está aí o senhor Notário.

**LILI** — Que bom, eu sempre disse que o Barão era um homem de palavra. E o meu primo onde está?

**BARÃO** — O seu primo?

**LILI** — Pois, a minha tia não lhe disse que íamos casar?

**BARÃO** — Pois é por isso que o senhor Notário está aqui, para nos casar.

**LILI** — Para nos casar, pois diz bem, para nos casar.

**BARÃO** — Tão claro como a água, para nos casar... a mim e a si!

**LILI** — A nós?

**BARÃO** — Sim, a nós.

**LILI** — Então, e o meu primo?

**BARÃO** — O Toni, basta olhar para ali e já vê de quem o seu primo gosta!

**LILI** — A criada?

**BARÃO** — Ela mesmo.

**LILI** — Não é possível, a criada. Então por isso o meu tio afirma a pés juntos que o meu primo morreu na guerra! Para me esconder a verdade. Anda é metido com a criada. Que ingénua que estou a ser no meio disto tudo!

**BARÃO** — Lili, eu amo-a. Sempre a amei.

**LILI** — Não me confunda. E as crianças que eu trouxe do Luxemburgo de propósito para recuperar o meu primo? Não era essa a nossa combinação?

**BARÃO** — Ao princípio, sim, mas houve uma troca de faxes. Eu enviei-lhe um para a Holanda pensando que a Lili estava em Eindhoven, mas afinal tudo estava a ser tratado no Luxemburgo. Quando a Lili se meteu no comboio é que eu soube que as duas crianças vinham consigo em vez de seguirem diretamente para a Alemanha. Agora não importa, eu amo-a e isso é que conta!

**BARÃO** (*abraça-a*)

— Lili, minha couve!

**LILI** — Oh, Barão!

## QUADRO IX

*(A criada com ALEX na casa deste. De vez em quando ouvem explosões ao longe e os uivos dos lobos.)*

**ALEX** — Esteja à vontade, não está ninguém.

**CRIADA** — O meu patrão não pode saber, nem a D. Judite.

**ALEX** — Fique descansada.

**CRIADA** — É acerca do seu braço e da sua perna. Tudo foi combinado entre o Barão e a sua mulher. Em troca de trazer o vosso filho para Portugal, ela ofereceu-se para contratar um médico francês.

**ALEX** — O meu filho? Mas que loucura vem a ser esta?

**CRIADA** — O seu filho está vivo, o Barão fechou-o numa cela na cave do prédio. Anda é a gozar consigo.

**ALEX** — Não pode ser, ele morreu em África.

**CRIADA** — Não morreu nada, pode perguntar à sua mulher. Mas o que eu lhe vinha pedir é que me ajudasse a cumprir uma promessa que fiz ao Barão.

**ALEX** — Eu nunca gostei daquele médico! Que ele não me ponha mais os pés aqui em casa!

**CRIADA** — É precisamente por causa disso. O médico vai vir a sua casa para lhe cortar a outra perna...

**ALEX** *(pega numa espingarda)*  
— Ele que venha!

**CRIADA** — O que eu lhe proponho é que se vingue.

**ALEX** — Que me vingue de quem?

**CRIADA** — Da D. Judite.

**ALEX** — Mas o que é que ela fez?

**CRIADA** — Não ouviu o que lhe disse quando aqui cheguei? Foi ela que combinou com o Barão, cortarem-lhe os membros. Tenho que lhe explicar tudo. O senhor Barão trabalha para a Europa e anda a juntar ossos para enviar para lá, entende? E foi por isso que raptou o seu filho quando ele chegou de África, para fazer chantagem com a D. Judite. Está agora a perceber?

**ALEX** — Começo a perceber. Já ouvi falar dessa história dos ossos, mas nunca acreditei que fosse verdade.

**CRIADA** — Pois é.

**ALEX** — E foi então aquela desavergonhada que mandou o médico cortar-me a perna errada e um braço! Eu lhe digo!

**CRIADA** — Entende, temos que nos vingar. O Barão disse-me que eu só podia regressar ao Brasil se lhe entregasse um braço e uma perna, por isso, está a ver, temos que nos vingar.

**ALEX** — Deixe comigo. Não era hoje que chegavam os remédios? Foi o que ela me disse.

**CRIADA** — É verdade, já devem ter chegado.

**ALEX** — Sim, vá lá ver e traga uma seringa.

**CRIADA** (*sai*)

— É só um instante.

**ALEX** — Isso mesmo, ah, ah, pensam que brincam comigo! Então foi isso. Como iria adivinhar? Logo vi que um médico alemão nunca se podia enganar nesta matéria...

**CRIADA** (*entra*)

— Aqui estão.

**ALEX** — Agora espete a seringa nos remédios. Depressa, antes que ela chegue. Eu vou à porta ouvir. Já ouço passos, depressa, despeje uma seringada que eu fico a prender a porta.

**JUDITE** (*grita do lado de fora*)

— Alex, Alex, não consigo abrir porta.

**CRIADA** — Já está.

**ALEX** (*abre a porta*)

— Então, o que se passa?

**JUDITE** — Maldita porta, há anos que está assim e nunca mais a mandas arranjar! Mas que faz a menina aqui?

**ALEX** — Os teus remédios, mulher! Chegaram os teus remédios!

**JUDITE** — Não posso crer.

**CRIADA** — É verdade, foram entregar hoje a casa do senhor Barão.

**JUDITE** — Eu sempre disse que o senhor Barão era um homem de palavra. Mas dê-me, dê-me os remédios que eu tomo já vários, para compensar os atrasos.

**ALEX** — Fazes bem.

**JUDITE** — Os meus remédios!

**ALEX** — Toma mais, toma, que te faz bem!

**JUDITE** — Obrigado.  
(*Adormece.*)  
Obrigado.

**ALEX** — E o meu subsídio, já se sabe alguma coisa?

**CRIADA** — Eu não devia dizer-lhe isto, mas confio no senhor. O subsídio já chegou há muito tempo. É o Barão que fica com ele.

**ALEX** — O malvado! E eu aqui a enviar faxes todos os dias. Na Alemanha devem pensar que eu sou doido.

**CRIADA** — Já dorme.

**ALEX** (*despe-se*)  
— Ajude-me a despir.

**CRIADA** — Oh senhor Alex.

**ALEX** — O que é que foi? Não quer ir para o Brasil? Vá, agora temos que despi-la a ela e vestir-lhe a minha roupa.

**CRIADA** — Despir a senhora?

**ALEX** — E tem que ser depressa, então não me disse que vinha aí o médico?

**CRIADA** — Acha que o médico não desconfia?

**ALEX** — Deixe isso comigo. Passe-me aquela cabeleira. E agora pinte-me.

**CRIADA** — Oh senhor Alex!

**ALEX** — Deixe-se disso.  
(*Irónico.*)  
Então é o Barão que me fica com o subsídio?

**CRIADA** (fingindo-se enojada)  
— Assim já está bom.

**ALEX** — Ponha-lhe uma touca na cabeça.

**CRIADA** — Eu não devia ter-me metido nisto.

**ALEX** — Fez muito bem em dizer-me.

*(Ouve-se uma campainha. Alex vai abrir a porta.)*

**ALEX** — É ele, o filho da puta do francês.

**CRIADA** — E agora?

**ALEX** — Oh, é o senhor doutor! Faça favor.

**MÉDICO** — D. Judite, como está?

**ALEX** — Menos mal, agora com os meus remediozinhos passo melhor.

**MÉDICO** — Ainda bem. Então o senhor Barão falou consigo. Ah, pelo que vejo está tudo tratado, o senhor Alex já está inconsciente. Calcule que o enfermeiro faltou-me. Dizem que fugiu com uma mulher para o Luxemburgo. Andam sempre a inventar coisas. Vamos então a isto.

**ALEX** — Eu não me importo, senhor doutor, posso muito bem fazer de enfermeiro, ou de enfermeira, como quiser.

**MÉDICO** — Como?

**ALEX** — De enfermeira, ali como a criada do senhor Barão. Quando é preciso também faz de enfermeira ou de enfermeiro, como quiser, mas vamos a isto, é que podem chegar as crianças.

**MÉDICO** — É melhor, as meninas agarram nos pés para eu serrar e depois passamos ao braço. Mas, agora reparo. Um momento, eu fui indicado para cortar uma pessoa que só possui um braço e uma perna. Há aqui um engano, é melhor verificar nos papéis.

**ALEX** — Deve ser confusão sua, isso foi no 4.º andar, com o senhor Alexandre, o meu irmão, as casas são parecidas.

**MÉDICO** — Deve ter sido isso, mas mesmo assim...

**ALEX** *(empurra o corpo de Judite)*  
— Olhe, temos que nos despachar, ele está a acordar.

—

**MÉDICO** — É melhor serrar, eu depois verifico se houve engano.

**ALEX** — A perna já está.

**CRIADA** — Só falta o braço.

**MÉDICO** — Corte a D. Judite enquanto eu ponho o penso.

**ALEX** — A menina agarre com força.

**CRIADA** — Assim?

**ALEX** — Sim.

**MÉDICO** — Cuidado!

**ALEX** — Já está.

**MÉDICO** — Não percebo por que é que o enfermeiro havia de escolher o Luxemburgo com tantos países que existem!

**ALEX** — Talvez porque tem lá algum parente.

**CRIADA** — A mim palpita-me outra coisa.

**ALEX** — O quê?

**CRIADA** — Uma mulher.

**ALEX** — Que mulher?

**CRIADA** (*ao ouvido*)  
— A Lili.

**ALEX** — Mas ela não ia casar com o Barão? Foi a minha mulher que me disse.

**MÉDICO** — Como?

**ALEX** — Estava a dizer à menina que a mulher do meu irmão me tinha dito... mas ela está a acordar...

**MÉDICO** — São espasmos, não tem importância.

**ALEX** — E quando acordar, que lhe digo?

—  
**MÉDICO** (*sai*)

— Que eu vou voltar! Tape-o bem, não pode perder calor, por causa da hemorragia.

**ALEX** — Sim, senhor doutor!

(*Fecha a porta.*)

E vá para a puta que o pariu!

**CRIADA** — E agora?

(*Tocam à porta.*)

**ALEX** — Outra vez?

**CRIADA** — Deve ser o médico. Terá ouvido o que o senhor disse?

**ALEX** — Vá abrir.

(*Entra Lili e o enfermeiro, apressados. Alex e Judite ficam com um ar de espanto.*)

**LILI** — Oh minha tia, esta tudo resolvido, vamos fugir, antes que o senhor Barão nos mate. Soltou os cães e anda atrás de nós. Adeus tia. E o tio? Ah, está ali, coitado, cortaram-lhe outra vez as pernas. Diga-lhe que eu mando um fax a contar o que aconteceu e não se preocupem. Já não aguento mais este país! (Vai para sair mas hesita como se tivesse apercebido da troca.) Há qualquer coisa... Sou eu que já estou a ficar doida! A chave, onde meti a chave? Também para que quero eu a chave se nunca mais vou voltar? Vamos, fujamos daqui!

## QUADRO X

*(Em casa do BARÃO. Este tenta suicidar-se de diversas maneiras. Com uma guilhotina, com a força, numa cadeira elétrica. Mas falha sempre e desiste.)*

**BARÃO** — Não nasci para morrer. Sou diferente, pertenço à Europa, uso collants e como carne. Queijo não gosto, nem de maçãs, mas pertenço a essa raça superior que decide e faz as leis. Estive a perder tempo tentando suprimir-me. Sei que não sou Barão, mas para todos os efeitos sou-o. Passo por Barão e isso chega para sê-lo. Mas matar-me por uma ninharia, nunca! Foi um momento de desespero, como é costume nos homens que defendem como eu uma prática desportiva saudável dentro dos ginásios. Há semanas que eu devia ter aniquilado definitivamente estes vermes. Alex e Judite não passam de vermes. São eles os culpados deste atraso em relação à economia japonesa. Tantas vezes que eu tenho dito isto. Digo e repito e volto a dizer, mas não me ouvem. Depois pedem-me ossos como se não houvesse outra coisa neste país para lhes enviar. Azeite, por exemplo, não percebo qual a razão por que não me encomendam azeite. Ou tomate. Mas enfim, eu cumpro ordens, que pode um Barão fazer mais que não o faça eu já? E matar-me porquê? Porque Lili fugiu com um enfermeiro? Sentir-se atraído é próprio dos plebeus, não de mim, que nasci para estar no poder, para mandar. Que seria da Europa se não fossem os ossos que envio para lá? Tenho esse privilégio, é a mim que recorrem. Assim foi durante as guerras de África, assim tinha sido na Índia e em Timor. O que mudou no mundo para eu deixar de ser quem sou? Nada, absolutamente nada. São uns vermes, uns vermes é que eles são!

*(Entra Alex com uma pistola.)*

**ALEX** — Onde estás, desgraçado?

**BARÃO** — Que vem a ser isto?

**ALEX** — Então eras tu!

**BARÃO** — Eu estava precisamente a dizer que não nasci para morrer, não precisa ameaçar-me.

**ALEX** — Não nasceste para morrer? Então para que foi?

*(Atira-lhe com uma garrafa.)*

Para que foi?

**BARÃO** — Vivo porque cumpro ordens, mais nada. Porque sou Barão!

**ALEX** — E o meu subsídio, também vive para cumprir ordens? Quero aqui já o meu subsídio ou disparo.

**BARÃO** — Qual subsídio? Não tenho nada a ver com isso.

**ALEX** *(atira-lhe com outro objeto)*  
— Ah não, ah não! Então quem tem?

**BARÃO** — A criada certamente, eu não.

**ALEX** — Pois engana-se porque foi precisamente a criada que confessou que eras tu, desgraçado, que me roubavas.

**BARÃO** — Não admito que me trate assim!

**ALEX** — Pois então toma!  
*(A pistola não dispara.)*  
Desta vez não disparou, mas para a próxima vai direitinho à testa.

**BARÃO** — A criada é que ficou com o seu dinheiro. E sabe para quê?

**ALEX** — Não desvie a conversa.

**BARÃO** — Para fugir com o seu filho.

**ALEX** — Não pronuncie sequer o nome do meu filho, deixe-o estar no mato, que morreu a defender a pátria.

**BARÃO** — Isso pensa o senhor!

**ALEX** — Não te metas na minha vida!

**BARÃO** *(puxa a jaula até meio. Lá dentro estão Toni e a criada)*  
— Está a vê-los? Vão a caminho do Brasil.

**ALEX** — Não acredito.

**BARÃO** — Não era você que dizia que o seu filho estava para chegar?

**ALEX** — Sim, mas isso era uma maneira de dizer!

**BARÃO** — Pois é a verdade. Lá vai ele com a criada para o Brasil. E não é para a Europa, é para o Brasil.

**ALEX** — E a culpa é sua.

**BARÃO** — Minha?

**ALEX** — Com a história dos ossos, dos braços, das pernas... quem foi que convenceu a minha mulher a mandar vir um médico francês? Quem foi? Esteja quieto ou eu disparo!

**BARÃO** — Senhor Alex, tenha calma, já lhe expliquei que foi um equívoco. Pensei que tudo estivesse já esclarecido.

**ALEX** — Aqui quem esclarece sou eu. E é já.

*(Dispara mas a pistola encrava-se.)*

Ainda não foi desta, mas à próxima é de vez, rebento-lhe os miolos!

**BARÃO** — O senhor Alex ainda não percebeu que eu não nasci para morrer. Então agora que acabei de enviar a última encomenda e a Europa está construída, veja se percebe que quem manda neste prédio sou eu. Ouviu? Sou eu. Pode disparar à vontade que as suas balas não me acertam.

*(Alex não consegue disparar e atira com a pistola ao Barão. Lutam os dois. O Barão afasta-se.)*

**BARÃO** — Não luto com aleijados. Se você tivesse os quatro membros ainda podia dar-me a esse luxo, mas assim não posso perder tempo. Faça o favor de sair que eu tenho mais que fazer.

**ALEX** — Eu apanho-te um dia, podes crer!

**BARÃO** — Não se canse, o melhor é ver se a sua esposa já está em casa.

**ALEX** *(sai)*

— E a essa criada também! Não me conhece, pensa que me enganou.

**BARÃO** *(pega na pistola)*

— Uns vermes, são todos uns vermes! Eu sou diferente, os meus atos são irreversíveis, porque eu sou alguém. Não sou Barão, mas sou o construtor da Europa. Sou alguém! (Aponta a pistola para a nuca.) E não é uma pistoleca qualquer que me amedronta. Eu não nasci para morrer, ouviram, sou o construtor da Europa! Que me importa a Lili ter fugido com o enfermeiro ou a criada para o Brasil? Ninharias! São todos uns vermes!

*(A pistola dispara e o Barão cai.)*

## QUADRO XI

*(JUDITE e ALEX em casa.)*

**JUDITE** — Eu mato esse médico francês! Deixar-me neste estado...

**ALEX** — É bem feito. Não querias acreditar! Se fosse o alemão isso não acontecia.

**JUDITE** — E tu cala-te.

**ALEX** — Que foi isto? Não ouviste um tiro?

**JUDITE** — Devem ter sido os lobos, os malditos.

**ALEX** — E foi aqui no prédio.

**JUDITE** — Nunca pensei que Lili pudesse fazer uma coisa daquelas!

**ALEX** — Sempre te disse que aquela história das crianças não estava contada como deve ser. Sempre desconfiei de uma pessoa que anda com crianças dos outros atrás. Mas tu não quiseste acreditar!

*(Ouvem-se rebentamentos.)*

**JUDITE** — Olha, o barulho vem de lá outra vez.

**ALEX** — Mas o que eu ouvi foi um tiro de pistola, aqui no prédio, não tem nada a ver com essas guerras da Europa.

**JUDITE** — Agora podemos viver o resto da vida descansados. Já tenho os meus remédios, tu recebeste o subsídio...

**ALEX** — Eu?

**JUDITE** — Não me mintas. Foi a criada do senhor Barão que me disse.

**ALEX** — Como pode ela ter dito uma coisa dessas se foi ela mesma que o recebeu sem dizer nada a ninguém? Foi o Barão que me jurou a pés juntos. Foi ela e já vai a caminho do Brasil com o meu dinheiro.

**JUDITE** — Que história é essa? O senhor Barão assegurou-me que a criada tirou umas férias para casar e tu vens agora com essa mentira!

**ALEX** — Ah, é mentira! Então a traição do teu filho também é mentira.

**JUDITE** (*zangada*)

— Não te admito que trates assim o meu filho.

**ALEX** — Traidor, sim. Em vez de lutar para construir a Europa prefere andar atrás das criadas.

**JUDITE** — O que estás para aí a dizer?

**ALEX** — Eu sei muito bem o que digo, tu é que andas cega. Não percebes nada do que se passa à tua volta.

**JUDITE** — Deixa o filho em paz, que morreu a cumprir o seu dever.

**ALEX** — Morreu, pensas tu!

**JUDITE** — Quem é que andava sempre a gritar que ele tinha morrido, quem era? Eras tu.

**ALEX** — Não entendes nada. Nem sabes como acordaste com um braço e uma perna a menos, quanto mais...

**JUDITE** — Isso pensas tu.

**ALEX** — Está bem, ficamos assim.

**JUDITE** (*levanta-se irritada*)

— Foi um sacrifício que eu fiz pelo nosso filho, percebes, enquanto tu te lamentavas por causa desse joelho inchado, sem nada fazer por ele. És um homem, um reles, não podes entender o que sente uma mãe.

**ALEX** — Então quem foi que te cortou o braço, quem foi?

**JUDITE** — Foi tudo combinado com o senhor Barão. Que sabes tu da Europa?

**ALEX** — Mais do que tu imaginas.

**JUDITE** — Um aleijado, é o que sempre foste.

**ALEX** — Está bem, ficamos por aqui. Se eu descobrisse onde está o meu boné saía já porta fora.

**JUDITE** — É sempre o boné, o boné! Metes nojo.

**ALEX** — Não quero discutir.

**JUDITE** — Todas essas coisas metem-me nojo, o teu fax, o teu joelho, o teu subsídio, o teu rádio, toda essa trampa em que tu tocas. Mete-me nojo, faz-me vomitar. Tu é que foste o culpado. Quiseste a todo o custo que o teu filho fosse para a Europa. E para quê? Para morrer.

**ALEX** — Já não regulavas bem, agora sem um braço e uma perna perdeste mesmo o tino.

**JUDITE** — E tu, pensas que não és tão louco como os outros, achas-te melhor.

**ALEX** — Eu sou diferente de vocês todos, basta dizer que estive na Alemanha enquanto os da tua laia não passaram da Holanda e do Luxemburgo.

**JUDITE** *(tira um machado de uma gaveta)*

— Os da laia da tua família, não da minha. E sabes como faziam os meus antepassados a malvados como tu?

*(Parte o fax.)*

É assim, olha, assim, assim!

**ALEX** *(com uma faca)*

— Queres arruinar-me a vida. Como vou agora receber o meu subsídio?

**JUDITE** — Quero lá saber do teu subsídio para alguma coisa. Tu é que mataste o nosso filho e vais pagar...

**ALEX** — Tu é que o mataste, não fui eu, com essa obsessão pelos aviões. Eu sempre disse que ele devia ter ido para a Marinha, mas tu não, eram os aviões, os aviões.

**JUDITE** — O senhor Barão prometeu-me que ele ficava na Torre de Controlo, nunca havia de voar.

**ALEX** — O Barão, o Barão... tu é que és a culpada.

**JUDITE** — Malvado!

*(Lutam, insultam-se, ficam a sangrar, esgotados. Ouvem-se os lobos.)*

**JUDITE** — Sempre eles, os malditos! Não posso mais com este inferno!

**ALEX** *(arrastando-se para o rádio)*

— Perdi-lhes a conta. Já devem ter morrido milhares. Se calhar já não há ninguém vivo. As negociações certamente acabaram. E feridos? Agora também não interessa, a luz vai faltar e o prédio vai ficar às escuras.

**JUDITE** — Terá acabado a guerra?

**ALEX** — O problema são os feridos. Não há sangue nem soro só comprimidos para dormir. Judite, onde puseste os comprimidos?

**JUDITE** — Estão aí no cabide junto do boné, num saco de plástico.

**ALEX** — Ali não estão.

**JUDITE** — Não pode ser, eu vi-os há pouco tempo, pelo menos foi aí que os deixei, dentro do saco de plástico.

**ALEX** — Ali no prego?

**JUDITE** — Sim.

**ALEX** — Por que não disseste há mais tempo?

**JUDITE** — Eu disse, mas tu nunca queres ouvir o que eu digo!

*(Entra um grupo de operacionais com macas, comandados pelo homem de escuro. Carregam Alex e Judite, que continuam a discutir.)*

**HOMEM DE ESCURO** — O vosso tempo chegou o fim. A casa precisa de ser desinfectada para um casal que está a chegar da Europa.

**ALEX** — A culpa é tua!

**JUDITE** — Nunca fizeste nada na vida a não ser preocupares-te com o joelho.

**ALEX** — Tu e os teus remédios!

**JUDITE** — A culpa foi tua e desse fax...

**ALEX** — O meu subsídio já deve ter chegado...

*(Enquanto saem, um pacote cai no meio da casa vindo da zona dos rebentamentos. A luz incide sobre ele e apaga-se lentamente.)*

**FIM**



centro de  
dramaturgia  
contemporânea